Manual de Boas Práticas na Implementação do Programa CED (Capturar-Esterilizar-Devolver)

Manual de Boas Práticas na Implementação do Programa CED (Capturar-Esterilizar-Devolver)

Animais de Rua, 2023
1ª edição

© Todos os direitos reservados

Website: www.animaisderua.org
E-mail: geral@animaisderua.org
Facebook: @animaisderua
Instagram: @animaisderua
Twiter: @_animaisderua

Índice

Manual de Boas Práticas na Implementação do Programa CED (Capturar-Esterilizar-Devolver)

Prefácio 05
Introdução 06
Os Estilos de Vida dos Gatos 09
Os gatos assilvestrados/silvestres podem ser descritos como 09
Os gatos errantes/vadios podem ser descritos como 10
Os gatos domésticos podem ser descritos como 10
Um gato doméstico é um gato com tutor mas essa situação pode mudar em caso 10
O que é o CED? 11
As vantagens do CED 12
Tentativas falhadas do Programa CED 15
Captura e abate 15
Parar de alimentar 16
Capturar e Recolher/realojar 16
Não fazer nada 17
Implementar um programa CED 19
Antes de iniciar um programa CED 20
Iniciar um programa CED 25
Decidir como fazer a captura 35
As vantagens de capturar em massa 35
Captura manual 36
A captura 40
Equipamento recomendado 41
O essencial 46
Identificação e marcação do material 48
Assegurar o sucesso do processo da captura 49
Montagem correta de armadilhas 52
O processo 57
Pós-operatório: cuidar de gatos em armadilhas ou transportadoras 62
Alimentação e limpeza 63
Se um gato fugir 66
Período de recuperação 66
Regresso à colónia 67
Outras decisões a considerar 68
Capturar a família 71
Outros cenários 72
Realojamento 76
Quando é que é apropriado realojar uma colónia? 76
Processo de realojamento 78
Santuários/Abrigos 80
Gestão da colónia 81
Abrigos de inverno 85
Gatos Adoptáveis 86
Determinar se um gato é adoptavél 89
Crias 93
Determinar a idade das crias 93
O que fazer quando encontra uma ninhada de crias recém-nascidas? 94
Considerações básicas para alimentar crias à mão 95
A jaula de tratamento 100
Famílias de acolhimento 105
Encontrar boas famílias: os procedimentos de uma adoção 106
Anexo Y 109
Anexo X 112
Anexo 1 114
Referências 117
Agradecimentos 119

Prefácio

This manual was years in the making because it represents the collective wisdom of the people of Animais de Rua plus many other experts within the field, bringing together practical advice and expertise with the most current ideas on TNR. The result is well thought through, tried and tested advice for those who are either starting, or currently running, a TNR programme.

We first encountered Animais de Rua when we visited Lisbon to exchange information and learn from each other with the aim of improving the lives of unowned cats, both on the street and in shelters.

What undoubtedly informs their success is their ability to be pragmatic, strategic, determined and, most of all, always willing to absorb new information and consider different ways of working. They understand that TNR is only part of the bigger picture of cat population management. It may sound straightforward and fulfilling to work with cats and make their lives better, particularly for cats living on the streets, but in reality, it is complicated, multi-faceted and requires a range of skills to stabilise populations and reduce them over time. It may come as a surprise for many that much TNR is done without achieving that result.

Animais de Rua knows that the secret of their success does not lie just in their undoubted ability to trap successfully and with minimal distress for the cats. It comes from planning, good administration, targeted trapping, excellent communication with veterinary partners and community members and, most of all, accurate data collection to track progress. They know that loving cats is not enough – an understanding of what cat welfare really is, along with the ability to minimise stress by understanding and managing cats' needs, is vital.

This manual is a step-by-step guide that starts your journey of discovery into the complexity of the TNR process and gives you some insight into what skills and knowledge are needed to have a successful outcome. Success is measured not just in numbers of cats neutered, but in the stabilisation of a population, continued monitoring and reduction of numbers. Doing this in every TNR programme, no matter how small, will eventually achieve better cat welfare globally.

Claire Bessant

Vicky Halls

Introdução

Quase todas as pessoas já se depararam, em alguma altura, com um gato errante: uma gata que veio ter a sua ninhada no quintal, um grupo de gatos que aparece todos os dias quando um vizinho coloca comida à porta do prédio, ou o gato atrevido que às vezes entra pela porta da cozinha à procura de um petisco.

Estima-se que a população global de gatos seja de cerca de 600 milhões, pelo menos metade sem tutor, mas na realidade ninguém sabe ao certo quantos são.
A maioria são gatos que vivem perto de nós, explorando os recursos que fornecemos, acidentalmente ou intencionalmente.

Os gatos errantes conseguiram adaptar-se bem ao ambiente urbano e, tal como nós, vêem a cidade como o seu território. Esta convivência entre pessoas e gatos errantes nem sempre é pacífica: há pessoas que procuram proteger os gatos e fazem-no de forma pouco adequada, enchendo as ruas de lixo; outras tentam exterminá-los usando métodos cruéis, como veneno; e outras, ainda, não querem prejudicar os animais mas gostariam de se ver livres dos incómodos associados à presença de uma colónia de gatos descontrolada.

Atualmente, e em consonância com as orientações da Organização Mundial de Saúde, da Organização Mundial de Saúde Animal e da International Companion Animal Management Coalition, quase todos os países desenvolvidos promovem campanhas de esterilização, bem como de sensibilização e informação das populações sobre a detenção responsável de animais de companhia, associadas a legislação punitiva do abandono e dos maus-tratos. Esta abordagem integrada é a solução para combater de forma eficaz o problema da superpopulação destes animais.

A Animais de Rua foi criada precisamente para tentar aliviar o sofrimento desses animais e evitar que outros nasçam nas mesmas condições. Direcionamos os nossos esforços e recursos não apenas para a promoção do bem-estar dos animais, mas também para a defesa da saúde pública e para a segurança e conforto das pessoas.

Algumas das nossas formas de atuação incluem: um programa integrado de controlo populacional de gatos errantes, por meio de esterilização em massa em parceria com as autarquias; um programa educacional para consciencializar e educar crianças e jovens sobre questões como o abandono e o valor do respeito pela vida animal; campanhas de informação sobre posse responsável de animais de companhia; formação certificada em temáticas do CED e bem-estar animal.

O Manual CED da Animais de Rua visa apresentar uma estratégia de controlo populacional de gatos errantes que promove, em simultâneo, a saúde e salubridade públicas e o bem-estar animal. Destina-se aos serviços de centros de recolha oficial de animais, associações zoófilas, grupos informais e a todos os cidadãos que pretendam ajudar os gatos errantes da sua comunidade, compilando as melhores e mais atuais práticas internacionais nesta matéria, visando a eficácia do programa bem como a segurança das pessoas e dos animais envolvidos.

É importante destacar que, ao implementar um programa CED, estamos a interferir significativamente na vida dos animais envolvidos e, portanto, devemos procurar preparar-nos e informar-nos o melhor possível, a fim de não cometermos erros que possam custar-lhes a vida ou provocar-lhes sofrimento desnecessário.

Os Estilos de Vida dos Gatos

O International Cat Care, instituição que promove o bem-estar animal , define um espectro de estilos de vida felinos que são comuns aos gatos em todo o mundo e que fornece uma estrutura para ajudar a compreendê-los e a cuidar deles. A nomenclatura pode divergir em diferentes locais, mas as necessidades dos gatos são universais. Existem três grandes tipos de gatos: assilvestrado, errante e doméstico.

Os gatos assilvestrados podem ser descritos como:

- Tendo nascido e a viver fora de um ambiente doméstico normal, provavelmente provenientes de gerações de gatos assilvestrados;
- A viver de forma independente relativamente às pessoas, com uma densidade populacional relativamente baixa em áreas desabitadas;
- Provavelmente a viver um estilo de vida solitário, caçando para sobreviver;
- Não socializados com pessoas, exceto aquelas que conhecem há algum tempo e nas quais aprenderam a confiar; sem experiência de viver numa casa como um gato doméstico;
- Provavelmente em stress quando confinados, incluindo quando forçados a viver numa casa.

Os gatos assilvestrados geralmente não causam problemas nas cidades, vilas e aldeias, pois não são normalmente vistos onde há pessoas. No entanto, podem ser motivo de preocupação se forem considerados uma ameaça à vida selvagem em áreas desabitadas.

Os gatos errantes podem ser descritos como:

- Animais que nasceram e vivem fora de um ambiente doméstico normal (os pais podem ser gatos errantes ou gatos domésticos);
- Vistos em zonas com uma densidade populacional relativamente alta em áreas habitadas, como cidades, vilas e aldeias;
- Geralmente agrupando-se com outros gatos ao redor de uma fonte de alimentos (fornecidos por pessoas e/ou obtidos no lixo);
- Demonstrando alguma tolerância em relação a pessoas conhecidas e podendo até parecer amigáveis;
- Capazes de se reproduzir excessivamente e em locais com acesso a recursos (restos de comida, caixotes do lixo, etc.), formando colónias com outros gatos;
- Não socializados com pessoas quando crias, sem experiência de como viver num ambiente doméstico;
- Provavelmente em stress quando confinados, incluindo quando forçados a viver numa casa.

Os gatos domésticos podem ser descritos como:

- Vivem com pessoas como animal de companhia, seja exclusivamente dentro de casa ou com acesso livre ou acesso limitado ao exterior;
- Socializados com pessoas quando crias, entre duas e nove/dez semanas de
- idade; Capazes de estabelecer laços sociais com pessoas conhecidas e desconhecidas.

Um gato doméstico é um gato com tutor mas essa situação pode mudar:

• Se for entregue para adoção - o gato é entregue para adoção num centro de acolhimento
• Se se tornar vadio - o gato afasta-se de casa e não regressa;
• Se for abandonado - o gato é deixado intencionalmente em algum lugar ou rejeitado pelo tutor com a intenção de não se responsabilizar por ele.

Os gatos que encontramos na situação de errância, dentro de uma comunidade, geralmente são gatos errantes esterilizados ou não esterilizados, gatos domésticos abandonados e/ou perdidos, e gatos domésticos que atualmente têm um tutor mas têm acesso ao exterior.

O que é o CED?

Capturar-Esterilizar-Devolver (CED) é um método ético e eficaz de controlo de colónias de gatos e de redução das populações felinas errantes. O processo envolve a captura dos gatos de uma colónia, a sua esterilização, um pequeno corte na orelha esquerda para fins de identificação, a desparasitação, a eventual vacinação e, por fim, a devolução dos animais ao seu território de origem. Sempre que possível, os animais adultos dóceis e as crias que ainda estejam em idade de socialização podem ser retirados das colónias e encaminhados para adoção.

A colónia continuará a ser monitorizada pelo cuidador e pela entidade que está a implementar o programa CED. Os gatos terão acesso a alimentação e abrigo adequados, eventuais novos elementos serão esterilizados, os animais doentes serão tratados e quaisquer conflitos que surjam na comunidade a propósito da colónia serão mediados.

As vantagens do CED

O CED oferece várias vantagens tanto para os gatos como para a comunidade.
É essencial estarmos informados sobre as diferentes vantagens e sermos capazes de as explicar sempre que for necessário.

A esterilização dos gatos proporciona as seguintes vantagens:

• Não haverá mais ninhadas e a população de gatos irá diminuir ao longo do tempo
Se todos os gatos forem esterilizados e eventuais novos elementos da colónia forem rapidamente capturados, esterilizados e devolvidos ou encaminhados para adoção, a dimensão da colónia sofrerá uma redução rápida e significativa.

• Redução do barulho
Grande partedo ruído proveniente de uma colónia de gatos não esterilizados tem origem no acasalamento e nas lutas territoriais, comportamentos que são fortemente reduzidos, ou mesmo eliminados, com a esterilização.

• Redução do cheiro
Os machos não esterilizados marcam o território com urina, que tem um odor particularmente forte e desagradável. Machos esterilizados marcam muito menos o seu território, comparando com os machos não esterilizados.

• Controlo de roedores
Os gatos são um método natural e muito eficaz para o controlo de roedores. Devolver os gatos ao seu território irá permitir que este controlo se mantenha.

• Gatos mais saudáveis e menos visíveis
A esterilização, a alimentação adequada e, quando necessário, a disponibilização de abrigos, melhoram substancialmente a saúde da colónia. Adicionalmente, os gatos têm menos tendência para deambular em busca de comida, tornando-se menos visíveis.

• Exclusão do fator pena/tristeza
As pessoas deixam de se deparar com cenários miseráveis de gatos esfomeados e doentes ou crias moribundas, que muitas vezes têm um impacto negativo na comunidade e no turismo

• Presença de um cuidador
Um programa CED pressupõe que exista alguém responsável pela colónia, para a monitorizar e cuidar dos animais.

• Evita o aparecimento de uma nova colónia não esterilizada
Retirar a maioria ou todos os gatos de uma colónia deixa o território livre para ser novamente colonizado. Gatos novos e não esterilizados tomarão o lugar dos anteriores (efeito de vácuo) e os problemas antigos regressarão. Esterilizar a colónia e deixá-la no seu território quebrará este ciclo. No entanto, os gatos de rua não vivem isoladamente, e programas CED eficazes incluem iniciativas mais amplas que envolvem campanhas para incentivar a esterilização de animais domésticos, esterilização gratuita ou de baixo custo para animais que vivem em famílias carenciadas, campanhas de sensibilização para adoção e punição ao abandono, incentivo à posse responsável de um animal de companhia e desmistificação de certas crenças populares

(por exemplo, que as fêmeas devem ter pelo menos uma ninhada antes de serem esterilizadas, ou que os machos ficam infelizes se forem esterilizados).

- **Menos gatos errantes em toda a comunidade**

Estudos mostram que, quando numa dada área geográfica, 70% dosgatos de rua são esterilizados, os nascimentos diminuem e a população estabiliza. Acima dos 70%, a população começa a decrescer, diminuindo drasticamente à medida que chegamos aos 100% de esterilizações. Vale a pena salientar que a redução da população devido a doenças pode desacelerar com a melhoria do bem-estar dos animais após a esterilização, vacinação, etc.

- **Menos abate (captura e eutanásia**

A existência de menos gatos errantes na comunidade em resultado do programa CED) resulta em menos abates no centro de recolha oficial (CRO), nos países onde ainda é permitido, por dois motivos: em primeiro lugar, surgem menos pedidos de recolha de gatos errantes e não adotáveis cujo destino é, quase sempre, o abate; em segundo lugar, havendo menos crias errantes a nascer, haverá mais espaço nos abrigos de associações de proteção animal e mais lares para gatos domésticos abandonados ou perdidos.

- **Menos reclamações aos serviços municipais**

O declínioda população felina resultante da implementação do programa CED leva à redução dos incómodos para a comunidade em geral (miados, lutas, marcação de território, estragos em propriedade privada e maus cheiros) e, assim, a menos queixas aos serviços municipais.

- **Maior colaboração entre cuidadores**

Os cuidadores conhecem o paradeiro dos gatos, os seus hábitos e números, e são eles que podem suspender a alimentação para facilitar a sua captura. A cooperação destas pessoas é fundamental para se conseguir um controlo populacional bem-sucedido. O programa CED é apreciado pelos cuidadores por não prejudicar os gatos, ao passo que as atividades de captura e abate dão origem à sua resistência e falta de cooperação.

- **Mobilizar ações de voluntariado**

O CED consegue atrair um número significativo de voluntários, que são uma peça fundamental para o sucesso do programa.

- **Reduzir custos**

O valor médio despendido com a recolha, alimentação, abate e incineração de um gato é muito superior aos custos de esterilização.

- **Relações Públicas vantajosas para os serviços municipais**

Se os serviços municipais apoiarem o programa CED, a sua imagem pública melhora. Isto dará origem a mais voluntários, mais pessoas a dirigirem-se aos centros de recolha oficiais para adotar animais e maior resposta aos pedidos de financiamento.

Alternativas falhadas ao Programa CED

Uma das principais razões para se advogar o programa CED é que nada mais resulta. Quer pretendamos a redução da população felina, quer a diminuição dos incómodos das comunidades, nenhuma outra técnica demonstrou, até agora, ter sucesso a longo prazo. Isto torna-se mais claro quando examinamos as alternativas praticadas.

Captura e abate

Capturar gatos errantes, transportá-los para um CRO e abatê-los pode, a curto prazo, diminuir a população felina num dado local. Contudo, esta redução é apenas temporária e a população acaba por voltar em força pouco tempo depois.

Há várias razões para que isto aconteça:

- **O efeito de vácuo**

"O efeito de vácuo" foi documentado pela primeira vez pelo biólogo Roger Tabor em estudos sobre os gatos de rua de Londres (Tabor, Roger, A Vida Vagabunda do Gato Doméstico, 1983).
As colónias de gatos errantes formam-se e subsistem em determinados locais porque estes lhes fornecem alimentação e abrigo adequados à sua sobrevivência. Quando uma colónia é retirada de um local mas o ambiente não se altera, os gatos inteiros das colónias vizinhas irão, mais cedo ou mais tarde, ocupar o habitat agora desocupado, a fim de tirarem proveito das vantagens que se mantêm. Retirar a fonte de alimentação para alterar o habitat é, na prática, um objetivo difícil de alcançar. Um contentor aberto, sacos de lixo mal fechados ou pessoas que sintam compaixão pelos animais podem ser fontes de alimentação difíceis de controlar. É virtualmente impossível impedir os cuidadores de alimentar os gatos. Está demonstrado que, mesmo perante proibições legais (existentes em alguns municípios), as pessoas que se preocupam com os animais irão persistir, de uma forma ou de outra, no seu comportamento.

- **Falta de recursos nos serviços municipais**

Poucos CRO têm recursos para capturar todos os gatos errantes que vivem nos seus municípios. Em municípios grandes, por exemplo, onde há poucos funcionários e as populações errantes ascendem, por vezes, às dezenas de milhar, capturar e abater não é sequer uma opção viável.

- **Reprodução excessiva**

Quando são capturados apenas alguns gatos, deixando outros para trás, estes últimos terão agora menos competição pela comida e abrigo, resultando em maior número de ninhadas sobreviventes até se voltar a alcançar o nível populacional anterior.

Estes fatores (ou seja, o efeito do vácuo, a falta de recursos dos serviços municipais e a reprodução excessiva) tornam o método de captura e abate totalmente ineficaz quando comparado com o método CED. Apenas se irá obter uma rotatividade da população – novos felinos, mas certamente não em menor número.

Parar de alimentar

À primeira vista, este método atrai pela sua simplicidade – não alimente os gatos e eles irão embora. O problema é que, a não ser que haja outra fonte de alimentação por perto, eles não irão a lado nenhum Em vez de se afastarem, tendem a aproximar-se mais das habitações à medida que o seu desespero aumenta. Além disso, um gato pode passar semanas sem comer e, ainda assim, reproduzir-se (embora as crias tenham menos probabilidades de sobreviver). Privar os gatos de comida resultará apenas em animais famintos e pouco saudáveis, vulneráveis a doenças e alvos de infestações parasitárias. Além disso, como mencionado anteriormente, é quase impossível impedir que as pessoas que se preocupam com os animais de alimentar os gatos de rua, especialmente quando vêem gatos a passar fome.

Capturar e Recolher/Realojar

A ideia de recolher todos os gatos errantes existentes e encaminhá-los para adopção é completamente irrealista. A maioria destes animais não tem potencial de adopção e não seria capaz de viver numa casa. Além disso, existem muito mais gatos do que famílias dispostas a adotá-los. Faremos melhor uso dos nossos recursos limitados a esterilizar a população felina errante do que a passar pelo moroso e incerto processo de socializar e alojar gatos assilvestrados. Além disso, devemos ter em mente que, para o bem-estar do gato, deixá-lo viver em liberdade é uma escolha muito mais acertada do que fechá-lo dentro de uma jaula durante anos ou condicioná-lo a viver escondido até ao fim dos seus dias.

Realojar os animais num local seguro ou num abrigo é uma solução aplaudida por muitas pessoas quando se cruzam com uma colónia de gatos errantes. No entanto, há poucos abrigos para animais e os que existem estão constantemente sobrelotados, geralmente não oferecendo condições mínimas de bem-estar.

Se considerar deslocar a colónia, será necessário encontrar um local adequado, bem como alguém disposto a comprometer-se a cuidar dos animais. O ato de realojamento é também ele complexo, sendo necessário confinar os gatos durante três semanas no seu novo habitat, para que se orientem num território que não conhecem e aprendam que a fonte de comida se alterou.

Mesmo que tudo seja feito corretamente, ainda é possível que uma percentagem de gatos desapareça. O acolhimento e realojamento trazem os mesmos problemas associados ao método de captura e o abate. Remover os animais sem alterar o seu habitat – eliminando a fonte de alimentação e abrigo – leva à criação de um fenómeno misto entre o efeito de vácuo e a reprodução excessiva que vão, com o tempo, fazer com que a colónia regresse ao seu tamanho anterior.

Não fazer nada

Se nada for feito, uma colónia atingirá o tamanho maior que lhe for naturalmente possível e que será o resultado da disponibilidade alimentar e de abrigo. Quando a capacidade desses recursos é excedida, o controlo da população surge na forma de doenças e fome. Todos os problemas associados às colónias não controladas vão continuar, incluindo o barulho, o cheiro, as queixas, crias a morrer e o dinheiro dos contribuintes a ser gasto com os serviços municipais a tentar, sem sucesso, resolver a situação.

Resumindo, retirar os gatos do seu território – seja abatendo-os, realojando-os ou levando-os para um abrigo, diminui o número de animais a curto prazo, mas não resolve o problema a longo prazo.

Implementar um programa CED

Se implementado corretamente, o programa CED não se limita à captura e esterilização dos gatos – dele também faz parte a criação de um ambiente seguro e saudável para animais e pessoas. Assim, deve incluir a criação de pontos de alimentação, bons abrigos de inverno (quando necessários) e o fomento de boas relações com a vizinhança.

Todas as colónias terão os seus desafios específicos que necessitarão de soluções criativas. O processo aqui descrito deve ser visto como um guia geral a ser adaptado conforme as necessidades de cada caso concreto.

Note que a captura aparece no fim do processo, não no início. Nem todos os problemas podem ser antecipados e evitados, mas a maioria pode.

Antes de inicar um programa CED

Antes de iniciar um programa CED é importante ter em consideração os seguintes aspetos:

• Tem a intenção de trabalhar sozinho ou em grupo?
É importante refletir se pretende implementar o programa CED sozinho, ou se é possível voluntariar-se junto do CRO local ou juntar-se a um grupo que já atue na zona. Mesmo que esteja determinado a trabalhar individualmente, é importante comuni- car e estabelecer boas relações com outras pessoas/grupos que desenvolvam este trabalho na sua área de atuação, de forma a poderem entreajudar-se e trocar informações sobre os animais.

Se preferir atuar sozinho/a porque se sente desconfortável a lidar com outras pessoas, é possível que este tipo de trabalho não seja adequado para si. Para realizar um programa CED bem-sucedido, é essencial comunicar com muitas pessoas: com os serviços oficiais que terão de autorizar a sua intervenção, com os cuidadores das colónias, com a população local, com as autoridades e com os médicos veterinários, entre outros. Na verdade, é provável que tenha de interagir mais com pessoas do que com os animais.

Este trabalho envolve muitas horas: deslocações às clínicas veterinárias, gestão do pós-operatório de casos complicados, problemas legais e emergências que possam surgir, sem mencionar a angariação de recursos! Se decidir avançar com um pequeno grupo ou recursos limitados, será mais eficaz focar-se numa área pequena e num número reduzido de colónias do que tentar abranger uma área mais ampla.

• Tem tempo disponível?

Antes de começar, é importante considerar objetivamente o tempo que tem disponível. Cada captura pode consumir várias horas para que se consiga capturar todos, ou pelo menos, a grande maioria dos gatos de uma colónia. Se só puder dedicar 30 minutos de cada vez para a captura, é muito provável que a maioria dos gatos aprenda a ter medo da armadilha antes que consiga capturá-los.

Além disso, é essencial evitar envolver-se em mais colónias do que aquelas em que tem capacidade de concluir o programa num curto período de tempo: começar e terminar uma colónia de cada vez é mais eficiente do que começar várias ao mesmo tempo, que se mantenham abertas durante meses. Nunca comece uma nova colónia sem que tenha terminado a anterior. Pode parecer mais atrativo começar uma colónia onde possa capturar 10 ou 12 gatos de uma vez, do que passar horas a tentar capturar a última fêmea de uma colónia. No entanto, se essa fêmea não for capturada, essa colónia ficará rapidamente descontrolada e todo o investimento terá sido em vão.
É importante focar-se nos seus objetivos e manter-se determinado/a. Uma vez que é provável que o programa CED ocupe uma parte significativa do seu tempo livre, o apoio e a compreensão da sua família e amigos são fundamentais.

• Tem os recursos financeiros necessários?

Antes de começar, é importante fazer um orçamento e planear formas de angariar fundos. Criar uma equipa com identidade própria ou uma associação legalmente constituída facilitará a obtenção de apoios para os seus projetos.

• Tem resiliência física e psicológica?

As capturas são feitas durante todo o ano, às vezes sob condições metereológicas adversas. Por outro lado, poderá ter de assistir animais doentes ou feridos. Isso requer boa saúde e bem-estar emocional para lidar com todo o stress associado a estas situações. Eventos na sua vida pessoal ou profissional podem atrapalhar os seus planos, portanto, ao decidir implementar um programa CED, terá de se assegurar que os animais continuarão a ser cuidados, independentemente de qualquer crise pessoal.

• Já considerou as questões de segurança para os colaboradores e voluntários?

É fundamental garantir a segurança e o bem-estar dos colaboradores e voluntários. Eles devem ter a vacina antitetânica e devem lavar as mãos cuidadosamente após o trabalho. Mulheres grávidas e pessoas com imunossupressão não devem trabalhar em contacto direto com os gatos errantes. Se acontecer uma mordida ou um arranhão, é fundamental lavar imediatamente a área afetada com água e sabão ou com uma solução antisséptica. As dentadas podem ser muito graves, pois podem provocar infecções bacterianas e podem exigir tratamento e antibióticos prescritos. Se mordido por um gato, o voluntário/colaborador deve ser observado por um médico.

• Já estabeleceu as políticas e procedimentos necessários?

É importante definir, por escrito, as normas para:

1. Recrutamento de voluntários;
2. Cumprimento da legislação aplicável;
3. Receitas e despesas;
4. Reembolso de despesas para os voluntários;
5. Pagamentos às clínicas veterinárias;
6. Colaboração com outras organizações e entidades;
7. Famílias de acolhimento temporário e processos de adoção;
8. Realojamento;
9. Contactos com a imprensa;
10. Saúde e segurança;
11. Políticas de eutanásia;
12. Testes para doenças infecciosas felinas (por exemplo, FIV e FeLV);
13. Esterilização de gatas gestantes;
14. Idade para esterilizar.

Mesmo que não seja uma organização legalmente constituída, é bastante útil definir com precisão as suas políticas e procedimentos, bem como a sua visão e missão. Caso contrário, será fácil desviar-se do objetivo inicial e será mais difícil lidar com os problemas que possam surgir.

• Já tem protocolos com médicos veterinários?

O acesso a esterilizações gratuitas através dos serviços oficiais, ou a colaboração de pelo menos um médico veterinário que ofereça esterilizações e tratamentos a preços reduzidos, será indispensável para levar avante o programa CED. A colaboração deve ser benéfica para ambas as partes, baseada em confiança mútua, e mantida a longo prazo.

Antes de iniciar o trabalho, é recomendável a elaboração de um protocolo de colaboração com o médico veterinário, listando todos os procedimentos a serem implementados (agendamentos, custos, corte da orelha, esterilização pelo flanco ou linha média, antibióticos, suturas, desparasitação, tratamentos, testes, vacinas, microchips, etc). É importante que o médico veterinário compreenda e concorde com as normas e políticas da organização em relação aos testes de FIV/FeLV, eutanásia, esterilização pediátrica, esterilização de gatas gestantes, etc.

É também essencial que o médico veterinário seja flexível na gestão dos agendamentos e compreenda que nem sempre será possível capturar o número exato de gatos agendados para um determinado dia.

Por outro lado, o grupo deve esforçar-se para capturar o número de gatos agendados, respeitar as opiniões técnicas e científicas dos médicos veterinários, e estes, por sua vez, devem reconhecer a perícia e experiência do grupo.

• Já pensou de que forma vai motivar os voluntários?

Pode ser difícil motivar os voluntários, especialmente quando o entusiasmo inicial desaparece. É importante que os voluntários se sintam felizes e valorizados pela sua contribuição.

Algumas formas de motivar são:

1. Promover encontros sociais;
2. Organizar ações de formação para voluntários com entrega de certificados de participação;
3. Agendar reuniões regulares de voluntariado, para troca de experiências e esclarecimento de dúvidas;
4. Enviar Newsletters regularmente relacionadas com as atividades da organização;
5. Definir políticas organizacionais claras e ouvir as sugestões dos voluntários.

Iniciar um programa CED

Passo 1: Criar boas relações com a comunidade

A maioria das colónias de gatos encontra-se inserida numa comunidade. Seja num quintal, num parque de estacionamento, numa fábrica ou numa viela atrás de um prédio, os gatos têm vizinhos humanos. A eficácia do programa CED e a segurança dos gatos dependerá, em grande parte, da compreensão e cooperação das pessoas que vivem e trabalham naquela zona. Por isso, é importante informá-las sobre o seu trabalho, ouvi-las e ter em consideração as suas preocupações.

Algumas pessoas apreciam a presença de gatos e alimentam-nos, enquanto outras se sentem incomodadas com o barulho e cheiros associados à presença de uma colónia de gatos não esterilizados. Nem todas as pessoas sabem que há várias opções que podem melhorar a situação, tanto para os gatos quanto para a comunidade na qual estão inseridos. Muitos serão mais receptivos ao programa CED quando entenderem o que é e podem até mesmo decidir ajudar. A maioria das pessoas que se opõem à presença de animais nas suas propriedades torna-se mais tolerante após a implementação de um programa CED. Além disso, pode encontrar algumas soluções no mercado para manter os animais afastados , como por exemplo, aspersores de relva automática ativada por movimento, repelentes naturais e aparelhos de ultrassom. Iniciar o programa CED sem incluir a vizinhança é sujeitar os animais e o projeto a um risco desnecessário.

O que pode ser considerado uma comunidade varia dependendo da localização e das circunstâncias. Pode ser uma fábrica e as pessoas que nela trabalham, um edifício municipal, o dono de uma moradia e seu quintal, um condomínio fechado, um hospital, um bairro ou até mesmo uma cidade inteira. Seja qual for a definição de comunidade e seu tamanho, a importância de desenvolver boas relações é crucial. Por exemplo, é muito mais fácil capturar os gatos se tiver permissão para entrar em propriedades privadas.

Os processos de alimentação e prestação de serviço também são facilitados quando há o apoio da comunidade; sem ela, corre o risco de ver as suas atividades sabotadas.

Ao implementar o programa CED, está a ajudar a controlar um problema que afeta todos os que vivem ou trabalham perto de uma colónia de gatos. O programa CED é uma forma de serviço comunitário.

- ***Lide calmamente com a hostilidade e resistência***

Muitas vezes, um problema relacionado com gatos errantes só chama a atenção quando já existe uma situação de crise. Se há demasiados gatos, as pessoas não conseguem dormir devido aos miados e gritos de lutas e acasalamento. Os moradores ficam saturados dos recipientes de comida acumulados e das sobras nas ruas, A comunidade fica descontente quando tem quintais que não podem ser usados devido ao mau cheiro, por exemplo. Estes são sinais típicos de colónias descontroladas e de uma comunidade descontente com a presença das mesmas. A maioria das pessoas afetadas por estes problemas irá sentir-se ressentida com os gatos e culpará quem os alimenta, razão pela qual a atitude inicial dessas pessoas possa ser hostil e confrontativa.

Antecipar esse tipo de cenário e saber como lidar com ele é de extrema importância, principalmente quando é necessário dialogar com quem tem autoridade para impedir ou autorizar a implementação de um programa CED.

A chave é não interpretar a hostilidade como um ataque pessoal e não reagir agressivamente, mesmo que seja difícil não responder no mesmo registo. Tente compreender a posição de alguém que se pode sentir frustrado e insatisfeito com o incómodo causado pela presença de gatos não esterilizados, principalmente se as suas queixas nunca tiverem sido levadas a sério ou nunca tiver sido oferecida uma solução exequível.

Mostre compreensão relativamente às preocupações levantadas, explique de que forma o programa CED irá ajudar e como é que retirar os animais permanentemente da zona apenas irá trazer gatos novos e os mesmos problemas.

A maioria das pessoas responde favoravelmente quando vê que as suas preocupações estão a ser consideradas e quando compreendem que há uma forma de manter os gatos e afastar os problemas, mostrando-se dispostas a colaborar.

Se a colónia estiver localizada no jardim de um prédio de apartamentos, marque uma reunião com a administração do condomínio. Se for um edifício público, descubra quem são as pessoas que podem autorizar a implementação do programa e proponha uma reunião. Se pretender comunicar com toda a vizinhança, marque a reunião num café próximo ou numa sala disponibilizada pela Junta de Freguesia. Convide todos os interessados a participar, sejam eles a favor ou contra a presença dos animais. Se conseguir a participação das pessoas hostis, terá a oportunidade de mudar as suas mentalidades. Distribua um panfleto com informação clara e sucinta, descrevendo o programa CED e como se propõe implementá-lo. Tente obter o apoio de líderes reconhecidos da comunidade.

Por vezes, quando uma colónia de gatos errantes está descontrolada e em crise, há ameaças de envenenamento. Em muitos países, envenenar animais é ilegal. Se encontrar veneno ou cadáveres de gatos suspeitos de terem sido envenenados, contacte de imediato as autoridades. De modo a poderem ser considerados como prova, o veneno e os cadáveres só podem ser manuseados pelas autoridades. Peça sempre o número da denúncia para poder acompanhar o desenrolar do processo. Se desconhecer o autor do envenenamento, poderá ser útil criar um cartaz informativo que explique que o envenenamento de animais é ilegal e punível por lei e pedindo informações que permitam descobrir a identidade do infrator e prevenir futuros envenenamentos.

- ***Contribua para melhorar os regulamentos municipais e as políticas de controlo animal***

É possível que encontre pessoas em posições de autoridade que se vão opor ao programa CED. Tente pedir a intervenção de outras pessoas que possam ter influência, como representantes de organizações de bem-estar animal ou o Presidente da Junta de Freguesia. Se, mesmo assim, não conseguir progressos, mantenha as vias de comunicação abertas. Se, eventualmente, a pessoa ou entidade tentar outros métodos para resolver o problema e estes falharem, poderá estar mais receptiva à solução CED.

Apresentar de modo eficaz o programa CED a este nível requer alguma experiência. Se só agora estiver a começar, peça conselhos a associações de bem-estar animal mais experientes antes de se encontrar com o Presidente da Junta de Freguesia ou da Câmara Municipal, ou com os responsáveis pelo CRO, como o Médico Veterinário Municipal ou o Vereador do respetivo pelouro.

Em alguns municípios existem regulamentos que proíbem as pessoas de alimentar animais em espaços públicos. Noutros, os serviços municipais têm a política de capturar e remover todo e qualquer animal que vagueie pelas ruas, esterilizado ou não. Para poder implementar com sucesso o programa CED nessas comunidades, essas políticas e os regulamentos têm de ser alteradas, mas isso requer tempo e organização.

Passo 2: Criar pontos de alimentação e abrigo e estabelecer um padrão de alimentação regular

Estabelecer um horário regular de alimentação irá melhorar a saúde dos gatos e deixá-los mais preparados para o stress da captura e cirurgia. Abrigos secos e quentes, especialmente em invernos rigorosos, também são importantes para manter a saúde dos animais.

Um ponto de alimentação adequado e bem cuidado (e/ou um abrigo) também pode ajudar a reduzir conflitos com os vizinhos.

Os gatos devem ser alimentados à mesma hora e no mesmo local, pelo menos duas semanas antes da captura. Estabelecer um padrão alimentar irá ajudar a conhecer a colónia. Quantos gatos existem? Qual é o seu estado de saúde? Algum gato com potencial de adopção? Ter estas respostas com antecedência permite assegurar vagas nos serviços veterinários, articular com Famílias de Acolhimento Temporário (FAT) e saber concretamente quais são as opções de ação.

Um padrão de alimentação consistente também tornará a captura muito mais fácil, porque terá habituado os gatos a aparecerem no local e altura certos.

Enquanto estiver a estabelecer um padrão alimentar, tente calcular o número de gatos dentro da colónia. Faça anotações e tire fotografias. Ter uma ideia bastante aproximada do número de gatos é importante para agendar as cirurgias e reunir o material necessário.

Não confie na palavra de terceiros acerca do número de gatos existentes. A maioria das pessoas tende a sobre ou subestimar o número de animais. O mesmo grupo de gatos pode ser contabilizado várias vezes em locais diferentes (uma vez que podem alimentar-se em vários locais) e alguns gatos podem ser difíceis de distinguir face a outros. Só será possível chegar a um número aproximado do real dos animais existentes depois de serem observados durante uma ou duas semanas.

Além de contar os elementos da colónia, verifique se existem gatos adotáveis (crias que ainda podem ser socializados ou adultos dóceis). Se houver, tente encontrar-lhes um lar ou uma FAT.

Se algum dos gatos lhe parecer ferido ou doente (olhos ou nariz congestionados, tosse, aspeto mal cuidado), antecipe a necessidade de tratamentos veterinários mais prolongados, nomeadamente preparando uma jaula para tratamento.

Muitas vezes, quando os elementos de uma colónia aparentam pouca saúde, muitos dos animais têm infeções respiratórias do trato superior. Melhorar a qualidade da sua alimentação pode ter impacto na melhoria da sua saúde geral. Assegurar-se que têm um abrigo quente e seco no inverno também ajuda nos locais de invernos mais rigorosos. Estas mudanças devem ser implementadas antes da data das capturas para o estado de saúde dos animais melhorar antes das cirurgias.

Passo 3: Obter um local de confinamento

Durante a captura e o pós-operatório, os gatos precisarão de ficar confinados num local inacessível ao público. Por questões de segurança e para evitar fugas, os gatos deverão ficar sempre dentro das armadilhas ou transportadoras (ou transferidos para jaulas hospitalares), que devem ser totalmente cobertas, exceto durante o procedimento cirúrgico. O tempo de confinamento é geralmente entre 24 e 48 horas, num local fresco, seco, ventilado e seguro.

Onde houver gatos particularmente tímidos na colónia que sejam difíceis de capturar, pode ser necessário esperar até que todos os gatos sejam capturados antes de devolver algum, o que pode levar vários dias. À medida que as capturas prosseguem, os animais capturados têm de ser mantidos confinados no dia e noite da captura e

depois 24 a 48 horas após a cirurgia. No entanto, seria preferível nestas circunstâncias planear estrategicamente e antecipadamente para aumentar a capacidade diária de captura e esterilização (incluindo equipamento e tempo cirúrgico), possivelmente com a assistência de várias clínicas veterinárias no mesmo dia.

O local de confinamento deve ser ameno, seco, ventilado e seguro. Durante este processo, os gatos não podem movimentar-se ou aninhar-se com os companheiros pelo que, se o espaço escolhido for demasiado frio, os animais podem entrar em hipotermia. A temperatura corporal dos gatos desce durante a cirurgia e só volta ao normal quando tiverem recuperado totalmente da anestesia. O espaço deve estar protegido das intempéries (chuva, neve ou luz solar direta) e estar apenas acessível a pessoas ligadas ao programa CED e interdito a estranhos ou outros animais.

Exemplos de locais de confinamento adequados podem ser uma garagem, uma cave, um quarto vazio, um armazém ou uma casa de banho. Muitas pessoas receiam que os gatos façam muito barulho. No entanto, os gatos errantes ficam muito silenciosos em confinamento, tentando manter-se o mais escondidos que conseguirem. Muito raramente, poderá encontrar uma colónia na qual um gato mie suavemente e os restantes se juntem a ele. Isto é raro e os gatos irão permanecer silenciosos e quietos na maior parte do tempo. Se um gato miar muito e lhe parecer que o faz para obter atenção, então é provável que seja um gato doméstico abandonado e não um gato assilvestrado.

Se vai manter os gatos em confinamento numa parte da sua casa, mantenha os seus próprios gatos afastados destes, a fim de evitar qualquer risco de contágio de doenças. Também é fundamental que os seus gatos sejam vacinados.

Passo 4: Marcação das cirurgias e obtenção do equipamento e transporte necessários

O número de gatos que serão operados num determinado momento dependerá do tempo e fundos que tiver disponível, da disponibilidade dos serviços veterinários, do número de armadilhas e transportadoras e da dimensão do local de confinamento. Deverá providenciar também o transporte dos gatos, da colónia para os serviços veterinários e para o local de confinamento.

Leve sempre duas ou três armadilhas/transportadoras a mais para gatos não contabilizados. Também pode ser útil substituir armadilhas que tenham sido marcadas com urina ou um gato que se tenha debatido muito aquando da captura, pois as feromonas deste poderão afastar outros gatos.

Assim que tiver uma ideia bastante aproximada do número total de gatos e tiver um local de confinamento a postos, pode avançar com a marcação das cirurgias e organizar o transporte.

Circule sempre com as armadilhas e transportadoras cobertas e com os vidros do carro fechados ou abertos não mais do que 2 centímetros.

Passo 5: Preparação para a captura

Quando estiver preparado para capturar os gatos, será muito mais fácil se eles aparecerem no momento, no horário e no local mais convenientes para si. Se tiver de espalhar armadilhas por uma grande área e esperar o dia inteiro até que os gatos apareçam, essa captura será muito menos eficaz. Pelo menos durante as duas semanas anteriores à captura, peça a colaboração do cuidador para que coloque a comida todos os dias no mesmo local e à mesma hora. Se os gatos já estiverem habituados a aparecer a uma hora que não é conveniente para a captura, peça ao cuidador para que a mude gradualmente para a hora mais apropriada.

A comida deve ser retirada logo a seguir à alimentação dos animais em vez de deixada disponível o dia inteiro. Os seus esforços para criar uma rotina podem ser gorados se os gatos souberem que podem comer a qualquer hora. Se não puder retirar a comida porque, por exemplo, alguns gatos não conseguiriam comer, então crie o hábito de aparecer todos os dias no local à mesma hora com algo saboroso, como uma lata de atum. Os gatos aprenderão que, quando aparece, trará um petisco especial.

Não deve ser fornecido alimento aos animais nas 24 horas anteriores às capturas. O número de dias de captura vai depender do número de gatos. Se for capturar um número considerável de gatos, é aconselhável dedicar dois a três dias para este passo. Isto permite precaver-se face a diversos imprevistos, tais como condições atmosféricas adversas, ou gatos que, por alguma razão, não aparecerem no primeiro dia.

Passo 6: Dia da cirurgia

A comida e a água devem ser retiradas aos animais pelo menos 6 horas (3 horas para crias) antes da cirurgia, dependendo do protocolo anestésico utilizado. O tratamento normal inclui check-up geral, esterilização, remoção cirúrgica da ponta da orelha esquerda para fins de identificação, desparasitação interna e externa e, em alguns casos, vacinação, de acordo com os recursos disponíveis e os protocolos.

Passo 7: Recuperação e devolução

Os gatos devem ficar confinados durante 24 a 48 horas após a cirurgia e depois devolvidos ao seu território. Durante esse período, os gatos devem ser alimentados (exceto nos períodos de jejum pré e pós-operatório) e as suas armadilhas/ transportadoras limpas duas vezes por dia.

Passo 8: Cuidado a ter e monitorização a longo prazo

Apesar de o trabalho principal estar terminado depois da captura, esterilização e libertação dos gatos, o programa CED não está concluído. A fim de assegurar o sucesso a longo prazo deste método, um cuidador deverá cuidar dos gatos e monitorizá-los regularmente.

Passo 9: Manter registos fidedignos

Mesmo após a conclusão do programa CED, cada colónia deve ter um registo recorrentemente atualizado com as seguintes informações:

1. Data de início e fim do programa CED e da monitorização sucessiva;
2. Número de gatos esterilizados (machos, fêmeas, crias);
3. Número de gatos adotados (especificar crias, gatos adultos dóceis);
4. Número de gatos doentes e feridos (especificar doença/ferimento e tratamento, e se foram adotados ou devolvidos à colónia);
5. Número de gatos eutanasiados (e porquê);
6. Número de gatos que desapareceram do local;
7. Número de gatos que foram encontrados mortos (e causas de morte, se conhecidas);

8. Número de novos gatos que integraram ou foram abandonados na colónia, especificando se foram adotados, esterilizados e devolvidos;
9. Detalhes de contacto do cuidador.

Quaisquer outros eventos relevantes na colónia (alterações do local, como novos edifícios ou construções, construção de um centro de acolhimento para gatos, alterações na alimentação, eventual realojamento, etc.)

Este registo é essencial não só para o controlo da colónia, mas sobretudo para demonstrar a eficácia do programa CED. Só assim será possível provar às autoridades e ao público em geral que o método CED é a única forma eficaz de controlar as populações de gatos de rua. Para realizar estudos sobre o assunto, são necessários dados e números rigorosos, que só os cuidadores das colónias e as organizações de bem-estar animal que implementam o programa CED e que realizam o seu trabalho de maneira profissional podem fornecer. O contacto regular com os cuidadores é essencial para manter registos atualizados.

Decidir como fazer a captura

As vantagens de capturar em massa

Capturar uma colónia inteira de uma só vez é sempre preferível a uma captura gradual ou em fases. A situação no local é muitas vezes crítica devido ao elevado número de gatos e crias, aos vizinhos descontentes e/ou ameaças à vida dos animais. A esterilização de toda a colónia de uma só vez resolve a crise rapidamente; o barulho e os odores diminuem drasticamente e previne-se o nascimento de mais crias.

A probabilidade de capturar todos os elementos da colónia aumenta significativamente com a captura em massa. Se capturar apenas um gato de cada vez, terá dificuldade em capturar os últimos, que se encontrarão misturados com os animais já esterilizados e devolvidos. Numa captura em massa, capturar os últimos gatos significa que estes serão os únicos presentes no local, para além de estarem cada vez com mais fome à medida que o processo de captura prossegue.

A longo prazo, uma captura em massa requer menos trabalho. É mais intensivo, mas só terá de assegurar todos os aspetos logísticos uma vez: encontrar um espaço de confinamento adequado, cuidar dos gatos durante o período de pós-operatório, transportá-los para os serviços veterinários, etc. Estes esforços têm que ser repetidos continuamente no caso de uma captura gradual.

Quanto mais dias de capturas fizer, maior a probabilidade dos gatos aprenderem a temer e evitar as armadilhas.

Dito isto, os recursos humanos, logísticos e financeiros nem sempre permitem uma captura em massa. Nesses casos, o objetivo passa a ser capturar e esterilizar o maior número possível de gatos de uma só vez.

Por fim, aconselhamos que as capturas sejam realizadas por equipas de pelo menos duas pessoas, principalmente se for para capturar vários gatos. Pode ser necessário prestar atenção a mais do que um gato ou armadilha. Se transferiu os gatos capturados para transportadoras, também é importante ter a ajuda de outra pessoa para fazer os transbordos. No entanto, não leve mais ajuda do que a necessária: muitas pessoas estranhas na colónia podem deixar os gatos mais cautelosos.

Decidir como fazer a captura

Captura manual

A captura manual é um processo eficaz e flexível: eficaz porque permite capturar mais do que um gato de cada vez ou capturar um gato específico quando o resto da colónia já está esterilizada; flexível porque é o voluntário quem decide quando e como capturar os gatos. A captura de um gato especialmente assustadiço ou desconfiado, gatos doentes ou feridos, ou gatas gestantes devem ser priorizadas em relação ao resto da colónia. Gatos que entram calmamente e comem dentro da armadilha retornarão facilmente para que possa capturá-los mais tarde. Não tenha pressa em capturar o primeiro animal que entra na armadilha. Observe quais serão os mais desconfiados e difíceis de capturar e foque-se em capturá-los primeiro. A captura manual deve ser usada na maioria das situações, para um maior controlo do animal. As armadilhas só devem ser acionadas em modo automático quando o local de captura não permite o uso manual.

- ***As armadilhas manuais têm vantagens como:***

1. Melhor controle de todo o processo;
2. Capturar exatamente o animal que se pretende;
3. Ser capaz de definir prioridades;
4. Evitar a captura de gatos já esterilizados;
5. A armadilha não precisa ser acionada por alavanca de gatilho;
6. Podem ser capturados mais do que um gato ao mesmo tempo, reduzindo o número de dias de captura;
7. Não há mecanismos que possam partir;
8. Captura rápida de toda a colónia;
9. Os gatos que entram juntos na armadilha sentem-se seguros juntos (e podem ser facilmente separados);
10. Pode dar atenção imediata ao gato capturado e reduzir o tempo de stress do animal;
11. Permite que os gatos vejam outros gatos entrarem na armadilha, comam e saiam sem que nada lhes aconteça, aumentando a confiança dos gatos mais observadores;
12. Reduz o número de capturas.

- ***Quantos gatos podem ser capturados numa armadilha?***

Uma das principais vantagens da captura manual é permitir apanhar mais do que um gato de cada vez. No entanto, será aconselhável transferi-los individualmente para transportadoras, salvo no caso das crias e juvenis, que poderão ser transferidos em conjunto para se confortarem e reduzir o stress da captura. Nesse caso, forneça aos

serviços veterinários transportadoras suficientes para que cada gato seja colocado numa transportadora individual após a cirurgia. É necessário ter especial cuidado quando gatos adultos são capturados em conjunto com crias, pois poderão feri-las acidentalmente, quando a armadilha é ativada.

Quantos mais gatos conseguir capturar de uma só vez, menos vezes precisará de acionar a armadilha, reduzindo a probabilidade de os gatos aprenderem a temê-la. Isso também agiliza todo o processo de captura.

Lembre-se: mesmo que capture acidentalmente um gato já esterilizado em simultâneo com um gato ainda por operar, só poderá libertá-lo após a transferência do gato não esterilizado para a transportadora.

- ***Lidar com os espectadores enquanto está a usar uma armadilha manual***

A captura de gatos errantes é uma atividade que não passa despercebida. Os cuidadores ou transeuntes podem oferecer-lhe conselhos enquanto está a capturar, mas a maioria das pessoas não compreende o processo e as razões pelas quais não puxou o fio assim que o primeiro gato entrou na armadilha. Quem controla a armadilha é quem segura o fio e é sua responsabilidade efetuar uma captura o mais eficaz possível.

Infelizmente, os curiosos e transeuntes podem aproximar-se numa altura decisiva e, inadvertidamente, prejudicar a captura. É importante lidar com estas pessoas de forma compreensiva e paciente e explicar o que está a fazer. Dar uma explicação clara poderá ser recompensador, uma vez que no futuro a pessoa em causa poderá

esclarecer outras pessoas sobre o programa CED.

Caso se depare com pessoas que se mostrem incapazes de compreender o que está a fazer e continuem a perturbar a captura, deve manter-se firme e sereno e, se necessário, chamar ao local as autoridades policiais competentes.

- ***Capturas no Inverno***

As capturas nos meses de inverno têm grandes vantagens: há menos gatas gestantes e menos crias e gatas a amamentar. Além disso, adiantamo-nos à época de acasalamento e, logo, ao nascimento das ninhadas na primavera.
Mesmo em climas mais frios, as gatas não irão adoecer devido à pequena área de pelo que é rapada para a cirurgia, se tiverem abrigos adequados. Em climas temperados, não existe sequer essa preocupação.

A captura

- ***A captura consiste num processo com cinco etapas:***

1. O gato aproxima-se e investiga a armadilha;
2. O gato alcança o isco e come-o;
3. O gato é apanhado e reage, tentando fugir ou dando sinais de inquietação;
4. A pessoa que captura o gato entra na área, cobre a armadilha e transfere o gato para a transportadora;
5. A pessoa volta a armar a armadilha.

A captura será observada pelos gatos que se encontrem nas imediações. Os gatos aprendem rapidamente com a experiência, por isso a exposição a estímulos negativos deve ser limitada ao máximo.

Se um gato vê um companheiro de colónia entrar na armadilha, comer e ir embora irá sentir-se encorajado a investigar a armadilha. Na captura manual é isso que acontece, visto que é a pessoa que controla o fecho da armadilha.

A captura

Equipamento recomendado

- ***Armadilhas***

As armadilhas podem ser operadas manualmente ou automaticamente e são na sua essência caixas retangulares que funcionam fazendo com que o gato entre pela porta da frente, numa das extremidades, a fim de chegar ao isco, na extremidade oposta. A caminho do isco, o animal pisa uma alavanca que fecha a porta e a tranca, impedindo-o de voltar a sair, sem o magoar. É importante que as armadilhas tenham as seguintes características:

1. Uma porta traseira deslizante que abre por sistema de guilhotina (uma porta que desliza para baixo);
2. Comprimento de cerca de 90 cm;
3. Uma alavanca de gatilho sensível o suficiente para crias;
4. Design e materiais que permitam uma fácil limpeza e desinfeção;
5. Uma estrutura sólida e segura, capaz de resistir às tentativas de fuga de gatos grandes e fortes;
6. Uma pega resistente que permita fácil transporte;
7. Uma porta que feche rapidamente, com firmeza e o mais silenciosamente possível, sem riscos para o gato.

A porta deslizante na parte de trás é necessária para alimentar o gato e limpar a armadilha se esta for servir também de jaula. A porta traseira também é importante para transferir, em segurança, um gato de uma armadilha para outra ou de uma armadilha para uma transportadora. Também é mais seguro libertar um gato esterilizado abrindo a porta traseira deslizante. A armadilha deve ter cerca de 90 cm de comprimento para servir de jaula enquanto o gato estiver confinado antes e após a esterilização. Se for mais pequena, pode dificultar a alimentação e a limpeza. Uma armadilha de tamanho superior é desnecessária e pode ser demasiado volumosa e pesada.

As armadilhas com as quais a Associação Animais de Rua trabalha e recomenda encontram-se aqui listadas:

- ***"MDC Eezicatch Cat Trap"***

Esta armadilha tem a vantagem de ter uma porta traseira deslizante em acrílico transparente que dá ao gato a ilusão de ter uma saída. Esta porta também facilita o transbordo e a limpeza e alimentação quando a armadilha é usada como jaula.
A alavanca é em rede metálica, o que possibilita a colocação de uma pequena quantidade de isco por baixo dela (que não impeça o mecanismo de ser acionado), forçando

os gatos mais difíceis de capturar a pisá-la para tentar chegar ao isco e, dessa forma, a acionar o mecanismo de fecho da armadilha, quando estiver a ser usada em modo automático.

Há gatos que entram mais facilmente em armadilhas com base de rede porque se podem confundir mais facilmente com o solo, especialmente se forem colocadas em piso de relva ou outra vegetação. Outros gatos não gostam de pisar a rede e entram mais facilmente em armadilhas com base lisa.

- ***Armadilha supensa - Drop Trap***

Uma armadilha suspensa é literalmente isso - o gato passa por baixo da armadilha suspensa e esta cai sobre ele. O gato não é forçado a entrar num espaço apertado e confinado. Consequentemente, muitos dos gatos que evitam uma armadilha normal entrarão nesta, o que faz desta um instrumento muito útil. Pode ser usada como a sua armadilha habitual para capturar toda a colónia ou para capturar os gatos que ficaram para trás e que não entram nas armadilhas comuns.

- ***MDC Multi Cat Trap***

Esta é uma armadilha manual grande, capaz de capturar seis ou mais gatos de cada vez. Embora seja grande, pesada e difícil de transportar/manusear, é extremamente útil para capturar grandes colónias, para capturar uma fêmea com as suas crias ou para capturar gatos desconfiados que não entram na armadilha habitual por ser um espaço demasiado confinado.

Nenhuma armadilha é perfeita; todas têm vantagens e desvantagens. A escolha da armadilha mais adequada vai depender do orçamento, das especificidades de cada colónia, do espaço de armazenamento, do número de gatos que precisa de capturar e das suas preferências pessoais. A paciência é uma virtude e é a regra de ouro para a captura manual. Este processo é eficaz, mas pode ser moroso e não é possível eliminar etapas. Nunca use métodos bruscos ou violentos para tentar forçar os gatos a entrar na armadilha.

- ***Transportadoras***

As entradas da transportadora e da armadilha devem ter as mesmas dimensões em termos de altura e largura. As portas das transportadoras devem ser totalmente amovíveis, caso contrário não será possível transferir os gatos em segurança. A porta deve ser facilmente inserida na vertical. Os encaixes laterais devem ser resistentes e não se devem perder facilmente (prefira encaixes em plástico grandes, em vez do sistema de pinos laterais). A Associação Animais de Rua tem preferência pelas transportadoras da marca Ferplast (modelo Atlas 20), uma vez que reúnem todas as especificações acima referidas. Em alternativa, recomendamos também as transportadoras da marca MDC que dispõem de porta e guilhotina para o transbordo. As desvantagens deste equipamento são a base em rede (que é menos confortável para o animal e que permite a passagem de urina) e o facto de não ser desmontável, ocupando mais espaço no transporte.

- ***Jaulas de contenção***

A jaula de contenção permite limitar a liberdade de movimentos do gato, restringindo-o a um espaço mínimo. É usada sobretudo para anestesiar gatos assilvestrados sem ser necessário manuseá-los diretamente. A jaula contém uma divisória interna móvel que se desloca pelo comprimento da mesma e deve incorporar também uma porta deslizante numa das extremidades, para permitir a transferência direta do animal. Também é importante que a jaula tenha um rebordo de segurança que mantenha a porta deslizante bem fechada. Infelizmente, muitos serviços veterinários têm jaulas de contenção que não incluem a porta deslizante, o que poderá dificultar bastante o processo.

A captura

O essencial

Lista de itens necessários à captura:

• Armadilhas (2 ou 3 são suficientes para uma colónia de 20 ou mais gatos);

• Pente Cat Trap (opcional);

- Transportadoras;
- Isco que se desfaça facilmente. Recomendamos dois tipos de isco porque alguns gatos podem ter uma preferência acentuada por um deles. Normalmente é utilizado atum em conserva, mas deve ser suplementado com uma comida húmida muito aromática para atrair os poucos gatos que não apreciam atum. Outras sugestões incluem frango grelhado, sardinhas em lata, cavala, salsichas, fiambre, hambúrgueres, peixe cozido e catnip (erva-gateira). Peixe cozido ainda quente (mas não tão quente que possa queimar), para libertar melhor o seu aroma, é normalmente um petisco irresistível mesmo para os gatos mais difíceis de capturar. O frango e as salsichas também permitem melhores resultados se estiverem ainda quentes. Por motivos de higiene e facilidade de limpeza, o isco pode ser colocado sobre folhas de papel/jornal. Não devem ser usadas taças rígidas dentro da armadilha, uma vez que representam um risco para os gatos e podem interferir com o mecanismo da alavanca de gatilho.
- Abre-latas (se necessário);
- Garfos ou colheres;
- Fita adesiva;

- Plástico para forrar o carro ou sacos grandes plastificados (se transportar os gatos nas armadilhas ou em transportadoras com base em rede);
- Pedaços de pano ou toalhas (um por armadilha/transportadora – assegure-se de que são suficientemente grandes para cobrir totalmente a armadilha/transportadora). São usados para cobrir a armadilha após o gato ser capturado e até ser libertado ou transferido para uma transportadora. São fundamentais para acalmar os gatos e evitar que se magoem.
- Jornal para forrar as transportadoras;
- Lanterna de bolso;
- Lubrificante para o mecanismo de fecho da armadilha (se necessário);
- Kit de primeiros socorros - Limpar rapidamente uma ferida infligida por um gato ajuda a prevenir que uma infeção mais grave surja posteriormente;
- Canetas ou lápis;
- Etiquetas e fichas de registo para registar informações relevantes sobre cada colónia e animal capturado;
- Bloco de notas;
- Luvas;
- Toalhetes húmidos e lenços de papel;
- Garrafa de um litro cheia de areia ou água, para apoio da porta da armadilha na captura manual;
- Fio (várias meadas) e comando eletrónico à distância, se disponível – mesmo que disponha de comando, leve o fio para o caso de este avariar ou ficar sem bateria;
- Canivete ou pequena faca;
- Binóculos;
- Óculos de sol;
- Sapatos confortáveis (que não façam barulho);
- Smartphone ou câmera digital para registrar imagens e vídeos do local, dos gatos e das capturas;
- Abraçadeiras para prender de forma segura as armadilhas ou transportadoras.

A captura

Identificação e marcação do material

É fundamental identificar todo o material de captura com o nome da organização, número atribuído ao equipamento e um contacto, especialmente se o material for utilizado por várias pessoas ou alugado/emprestado ao público. Mantenha um registo com a data do empréstimo ou requisição, a identificação e contactos da pessoa
a quem o material foi entregue e a data de devolução. Também é aconselhável estabelecer um valor de caução, no caso de empréstimos ao público. Sempre que ceder uma armadilha, ensine a pessoa que a vai usar a operá-la e certifique- se que ela domina todos os aspetos essenciais da captura, de forma a que nenhum animal seja posto em risco.
Tanto as armadilhas como as transportadoras e jaulas devem ser muito bem desinfetadas a cada utilização, a fim de evitar o contágio de doenças entre gatos. Adicionalmente, o cheiro da urina e as feromonas dos gatos anteriormente capturados desencoraja outros gatos a aproximarem-se da armadilha.
Evite usar detergentes com cheiros fortes (amoniacais, cítricos ou outros), assim como lixívia, que tem um cheiro semelhante ao da urina de marcação de território e pode afastar os gatos.
Idealmente, use um desinfetante específico, como o Limoseptic ou o Virkon. Como com qualquer produto, enxague muito bem para eliminar o cheiro do produto.

Verifique o estado da armadilha e pratique primeiro

Pratique o uso das armadilhas antes de começar as capturas. A melhor altura para o fazer é aquando da aquisição ou empréstimo, de modo a poder colocar questões sobre o seu funcionamento. Se não souber como utilizar as armadilhas, leia as instruções do fabricante, peça ajuda a uma associação zoófila ou pessoa experiente em programas CED. Teste cada armadilha armando o gatilho e depois pressionando a alavanca pelo lado. A porta da frente deve fechar-se facilmente assim que a alavanca for pressionada. Pratique também acionar a armadilha manualmente.

É muito importante praticar previamente o uso de uma armadilha manual até se sentir com confiança e destreza suficientes para começar a capturar. Deve aprender a:
1. Montar a armadilha correta e rapidamente;
2. Posicionar a armadilha e a corda corretamente;
3. Acionar a armadilha com apenas um único movimento do fio;
4. Transfira os gatos com segurança para a(s) transportadora(s).

A captura

Assegurar o sucesso do processo de captura

Os gatos desconfiam de objetos novos ou desconhecidos. Esta desconfiança pode ser causada por uma de quatro razões:

1. O gato não entra na armadilha porque o objeto não lhe é familiar. Isto pode alterar-se com o tempo, à medida que o animal se habitua à presença da armadilha;
2. Há algo no objeto em si (por exemplo, está colocado numa superfície desnivelada, ou tem o cheiro das feromonas dos gatos previamente capturados) que desencoraja a entrada;
3. O animal assistiu à captura de outros gatos e faz uma associação negativa com a armadilha
4. O gato já foi capturado anteriormente usando uma armadilha.

Há formas de reduzir a desconfiança da armadilha, aplicáveis tanto na captura manual como na automática:

1. Deixar os gatos familiarizarem-se com a armadilha antes de iniciar o processo de captura (por exemplo, alimentando os gatos dentro de uma armadilha desarmada alguns dias antes da captura, no local do posto de alimentação habitual);
2. Assegurar a limpeza da armadilha entre ciclos de captura e/ou levar uma armadiilha extra
3. Certificar-se de que a armadilha está corretamente posicionada e estável.

- ***Dê tempo suficiente à captura (mínimo de três dias)***

Em regra, se todos os preparativos forem cumpridos, no primeiro dia irá capturar todos ou a grande maioria dos gatos. O segundo dia costuma resultar na captura dos restantes gatos mas, por vezes, poderá ter de prolongar o jejum um terceiro dia.
É por isso que sugerimos três dias para capturar colónias de dez ou mais gatos. Não planeie capturas com menos do que dois dias: pode chover, alguém pode alimentar a colónia na noite anterior, alguns gatos podem não entrar nas armadilhas ou nem aparecer, ou podem haver outros eventos inesperados que podem interferir no processo.

- ***Remova a comida pelo menos 24h antes da captura***

A maioria dos gatos errantes não se sente confortável ao entrar num espaço desconhecido e confinado. A fome é o fator-chave para os motivar a entrar numa armadilha. Pode ter tudo preparado na perfeição mas, se os gatos não estiverem com fome, a maioria não irá entrar na armadilha, por mais tentador que seja o isco.
Deve pedir ao cuidador para retirar a comida no dia anterior à captura. Por exemplo, se a captura começar numa sexta-feira, então os gatos devem ser alimentados normalmente na quarta-feira e não ter acesso a qualquer tipo de alimentação na quinta-feira. A única exceção a esta regra são as crias, gatas que se encontrem a amamentar e gatos que estejam claramente doentes. Se conseguir alimentá-los separadamente e não deixar que os outros gatos cheguem à comida, então estes podem comer no dia anterior à captura, mas não no próprio dia. Se não conseguir alimentá-los em separado, então retire toda a comida no dia anterior.

Retirar a comida é, com frequência, mais difícil para o cuidador do que para os próprios gatos. Ficar sem a sua refeição diária não irá agradar aos gatos, mas é importante ter em conta que os gatos adultos podem passar vários dias sem comer. Um dia de desconforto é largamente compensado pela forte melhoria da sua qualidade de vida após ser esterilizado. Deixe água fresca sempre disponível durante todo o processo. Continue sem alimentar os gatos enquanto durar o processo de captura. É essencial comunicar com todos os cuidadores da colónia para que todos cooperem.
É possível que encontre alguém que se recuse a colaborar e alimente a colónia, independentemente das explicações que der acerca dos benefícios da esterilização. Caso isto aconteça, tente contornar o problema recolhendo a comida ou começando a captura antes da hora de alimentação da colónia.

Por vezes, os gatos têm acesso a outras fontes de alimento que não conseguimos controlar como, por exemplo, através da caça. Nessas situações, precisará de comida altamente apetecível para atrair os gatos para as armadilhas.

- ***Localização das armadilhas***

Chegando ao local da captura, descarregue todas as armadilhas e posicione-as de forma a cobrir o máximo possível da zona de alimentação, bem como os percursos que os gatos façam para chegar até lá (assim como outros locais próximos). Evite colocar as armadilhas em espaços abertos. Em vez disso, coloque-as perto de uma parede ou de um muro, do para-choque dianteiro de um carro, de um arbusto etc., desta forma, a armadilha vai parecer que faz parte do ambiente que os gatos já conhecem e será menos ameaçadora para eles.

Certifique-se que o piso por baixo da armadilha é regular. Nunca coloque a armadilha num peitoril, muro estreito, telhado inclinado ou em qualquer outra superfície de onde possa escorregar ou cair e ferir ou deixar escapar o gato capturado. Coloque as armadilhas afastadas alguns metros umas das outras, para que ao acionar uma não assuste os gatos que estejam dentro ou perto da outra.

É importante que a armadilha esteja posicionada de forma a que consiga ver os gatos que se aproximam e os que estão dentro da armadilha aninhados para comer.

Se um gato não estiver suficientemente dentro da armadilha poderá bloquear a porta e escapar quando a acionar. Se não conseguir ver o espaço circundante, poderá puxar o fio demasiado cedo, assustando o animal. Se for de noite, certifique-se que há luz suficiente ao redor da armadilha para ter boa visibilidade sobre o gato, mas não demasiada que faça o animal sentir-se vulnerável. Por vezes, é possível aproveitar o foco de luz projetado por um poste de iluminação público ou luz de segurança de um prédio.

Mudar a localização da armadilha pode encorajar a entrada de outros gatos, mas, nesse caso, devem retirar-se quaisquer pedaços de isco que tenham caído da armadilha no local anterior, para que não sejam uma distração para os gatos.

A captura

Montagem correta de armadilhas

- ***Como usar uma armadilha suspensa***

Antes de armar a armadilha, coloque-a no solo para se certificar de que, quando esta cair, não haverá folgas entre a moldura e o chão que possam permitir a fuga dos gatos capturados.

1. Coloque o isco num jornal e certifique-se que coloca comida suficiente para vários gatos
2. Coloque a comida a meio e encostada à parte de trás da armadilha.

Espere até os gatos estarem no fundo da armadilha a comer, antes de a acionar. Se esperar demasiado, ou se os gatos estiverem nervosos e saírem rapidamente, não se preocupe: eles irão voltar. Não cometa o erro de deixar cair a armadilha antes de os gatos estarem relaxados a comer debaixo dela. Se isso acontecer, eles poderão assustar-se e não regressar. Se dois gatos estiverem a comer e um estiver à espera do lado de fora da armadilha, espere até que estejam todos a comer ou um se vá embora. Caso contrário, arrisca-se a que a armadilha caia sobre um deles.

- ***Como usar uma armadilha automática em modo manual***

As armadilhas automáticas podem ser usadas como armadilhas manuais, caso a porta abra para fora, tal como é mostrado nesta imagem.

Não arme o mecanismo automático. Prenda um fio firmemente à volta de uma garrafa de um litro (cheia). Abra a porta da frente da armadilha e apoie um canto da porta em cima da garrafa. Desenrole o fio até se encontrar a uma distância confortável e depois estique-o no solo. Certifique-se de que a garrafa está estável para que não caia acidentalmente.

Espere até que os gatos que pretende capturar estejam completamente dentro da armadilha e aninhados a comer e puxe o fio com força, removendo a garrafa e fechando a porta. Terá de conseguir acionar a armadilha com um só puxão firme do fio.

- ***Preparação das armadilhas***

Retire a porta traseira. Coloque porções generosas de dois tipos de isco bem desfeitos atrás da alavanca de gatilho, encostadas ao fundo da armadilha e feche a porta traseira. Se o gato for ser operado daí a poucas horas, use menor quantidade de isco com um cheiro muito intenso. Faça um rasto, com pequenos pedaços de isco ou com o líquido da lata, desde a entrada da armadilha até ao fundo, para conduzir o animal até à alavanca de gatilho. Tenha atenção para não colocar demasiada comida no rasto para que o gato não fique satisfeito antes de chegar ao fundo da armadilha.

Se a alavanca for de rede, poderá colocar pequenos pedaços de isco debaixo dela, mas, caso esteja a usar a armadilha em modo automático, tenha cuidado para que a comida não impeça a alavanca de ir até ao fundo.

Ao colocar o isco numa armadilha manual, coloque comida suficiente para vários gatos. Poderá não querer capturar o primeiro gato ou gatos que entrarem e, nesse caso, é necessário que haja isco suficiente para vários gatos sem que seja necessário perturbá-los para colocar mais comida. Estando a armadilha posicionada e o isco no lugar certo, abra a porta da frente e coloque a garrafa ou arme o gatilho caso esteja a capturar em modo automático. Retire quaisquer obstáculos que possam impedir a porta de fechar completamente.

Em situações específicas, tais como a captura de um gato tímido ou de um gato que apenas aparece durante a noite, poderá ser útil deixar uma armadilha montada e sem vigilância durante algumas horas, o que só deve fazer quando tem a certeza que a armadilha ficará inacessível a estranhos, uma vez que os gatos ficam completamente vulneráveis assim que são capturados. Neste caso, deve cobrir a armadilha para que o animal não se sinta exposto nem demasiado stressado depois de capturado, evitando ferimentos que podem ser graves, mas deixe as portas de entrada e saída descobertas, para diminuir a sensação de confinamento.

Excetuando estes casos, não cobrimos as armadilhas, para não prejudicar a visibilidade do processo de captura.

- ***O fio***

O fio deverá ser de um material pesado, que quando desenrolado se mantenha completamente esticado e desenhe uma linha reta entre a armadilha e quem o segura, pousado no solo.
O ângulo do fio relativamente à armadilha terá de permitir que um único puxão acione o fecho da porta e o seu ângulo de visão deverá permitir-lhe ver de forma desimpedida todo o comprimento do fio.

Certifique-se que não há nada no caminho que possa prender o fio (como, por exemplo, ramos, postes, etc.) e que este não passa num local onde possa fazer alguém tropeçar e magoar-se ou acionar acidentalmente a armadilha.

Se existir no local um poste, uma cerca ou carro que possa ser usado como guia para o fio, de modo que este não fique em linha reta, pode ajudá-lo a posicionar a armadilha de modo a ver melhor a ação. Se estiver a utilizar esta técnica, certifique-se de que o fio flui livremente e que não se prende em nada.

Verifique o fio após cada captura para se assegurar de que não se prendeu, enrolou ou desgastou, dado que isto poderá afetar o seu funcionamento da próxima vez que o usar.

- ***Utilização do ambiente circundante***

É importante posicionar-se no local de captura de forma a passar despercebido pelos gatos. Terá de manter uma distância razoável da armadilha para permitir que os gatos a explorem e entrem nela sem medo.

Poderá usar paredes, arbustos, cercas ou carros estacionados para se esconder da vista dos gatos mantendo, simultaneamente, um bom ângulo de visão da armadilha. Poderá manter-se dentro do seu carro, segurando o fio através da janela aberta. Um gato terá menos tendência a notar a presença de uma pessoa dentro de um veículo.

É necessário vigiar a armadilha para saber quando a deve acionar mas, ao mesmo tempo, é preciso evitar o contacto visual direto com os gatos que se encontram no interior, perto ou que se aproximam da armadilha, pois é extremamente ameaçador para eles. Se um gato que está a entrar na armadilha olhar para si e lhe retribuir o olhar, isso pode ser interpretado como um aviso para que não entre na armadilha. Se estiver dentro de um carro (a segurar o fio pela janela), pode usar os espelhos para vigiar a armadilha e evitar olhar diretamente para o animal. Usar óculos de sol escuros e não refletores também pode ajudar.

A captura

O processo

Não capture logo o primeiro gato que entrar na armadilha, pois é provável que este regresse depois. Desta forma, permitirá que os gatos mais desconfiados o vejam entrar, comer e ir embora, o que os tornará menos receosos de entrar. Deixe os gatos habituarem-se à armadilha antes de iniciar o processo de captura.Tente capturar as fêmeas, em especial as gestantes, em primeiro lugar. Lembre-se de que os gatos tri-colores são quase sempre fêmeas.

Tenha atenção aos gatos que estão perto da armadilha antes de a acionar. Se um gato estiver a observar a armadilha ou a aproximar-se dela, não puxe o fio. O gato que se está a aproximar pode juntar-se ao que já está dentro da armadilha e, assim, poderá capturar ambos.

Enquanto os gatos se aproximam e se alimentam dentro da armadilha, o fio deve estar ligeiramente solto. Desta forma, se um gato se encostar ou pisar o fio, não haverá tanto risco de acionar a armadilha acidentalmente. Quando se estiver a preparar para pôr o mecanismo em funcionamento, deverá puxar o fio lenta e gentilmente para apanhar o excesso e conseguir acionar a armadilha com um só movimento.

Peque por excesso de cautela. Se não tiver a certeza de que deve acionar a armadilha, não se precipite. É melhor deixar sair um gato do que apressar uma captura e acabar por o deixar fugir.

- ***Assim que o gato é capturado***

Quando vir um gato ser capturado, não corra logo para tapar a armadilha. Lembre-se que quer manter as intrusões ao mínimo. A maioria dos gatos ficará muito agitada e começará a debater-se dentro da armadilha. Se isso acontecer, vá até lá e cubra a armadilha com o pano, depois afaste-se por um minuto e dê tempo ao animal para se acalmar. No entanto, se o gato estiver a comer ou sentado, deixe-se ficar e observe se há outros gatos prestes a entrar nas outras armadilhas que se possam assustar se se dirigir de imediato ao local.

Quando um gato entra em pânico, não o solte com medo de que se magoe – ele ficará mais calmo assim que a armadilha seja coberta e poderá não ter outra oportunidade de o capturar. Alguns gatos podem ficar com o nariz a sangrar ou unhas partidas devido aos encontrões dentro da armadilha, mas estes pequenos ferimentos não são motivo para preocupações.

Cubra a armadilha ou transportadora. Os gatos capturados devem ser levados para um local abrigado o mais depressa possível e não devem ficar à vista dos restantes, mesmo que estejam tapados. Até os gatos serem libertados, as armadilhas/transportadoras devem permanecer cobertas.

Se tiver tempo, continue as capturas enquanto houver gatos na colónia. Se restarem alguns gatos que lhe pareça que não irão entrar nesse dia, dê as capturas por terminadas e recolha as armadilhas. Continue sem alimentar esses gatos e leve os que capturou para o local de confinamento ou para a clínica.

Lembre-se de que a melhor hipótese de capturar aqueles últimos dois ou três gatos difíceis é quando o resto da colónia já tiver sido capturada e removida do local. Deste modo, não precisa de tentar distingui-los de um grupo maior, além de estarem cada vez mais famintos e com maior probabilidade de entrar numa armadilha a cada dia que passa. Por isso, recomendamos que continue a tentar capturá-los enquanto o resto da colónia estiver confinada.

- ***Transferência da armadilha para a transportadora***

Como referido anteriormente, caso não disponha de armadilhas suficientes para todos os gatos da colónia, terá de fazer a transferência dos gatos capturados para transportadoras, de forma a poder usar as armadilhas várias vezes. São necessárias duas pessoas para assegurar a segurança do processo.

Encoste firmemente a porta traseira da armadilha à entrada da transportadora, alinhando ambas perfeitamente. Durante a transferência, a armadilha deve ser imobiliza- da entre as pernas de uma das pessoas, evitando que se crie um espaço entre as duas portas por onde o gato possa fugir.

A armadilha deve estar coberta com uma toalha e a transportadora deve estar forrada com jornal. A outra pessoa deve segurar também a transportadora firmemente entre as pernas contra a entrada da armadilha.

Assim que a armadilha e a transportadora estiverem corretamente posicionadas, a pessoa que se encontra a segurar a armadilha ergue a porta, sem a remover completamente, e a pessoa que segura a transportadora remove também a respetiva porta, mantendo-a pressionada contra a pequena abertura que se cria entre a armadilha e a transportadora.

Se estiver a utilizar uma transportadora Ferplast, conforme o modelo acima referido, para erguer a porta por cima, abra os pinos superiores que a seguram. Para fazer com que o gato passe da armadilha para a transportadora, retire gradualmente a toalha que a cobre, começando pela parte traseira da armadilha em direção à transportadora.
Os gatos errantes têm a tendência natural de se deslocar da luz para a penumbra, por isso, assim que o gato se sentir exposto, deverá passar para a transportadora, onde está mais escuro e se sentirá mais protegido. Se o animal não se mover, sopre ou toque levemente num dos lados da armadilha para o empurrar suavemente. Gritar, bater na armadilha, tocar no gato ou atirar-lhe água são ações ineficazes e cruéis.

Assim que o gato se encontrar dentro da transportadora, volte a colocar a porta da armadilha e mantenha-a firmemente encostada à transportadora. Deslize a porta da transportadora e encaixe-a nos orifícios inferiores, que devem estar sempre fechados, e feche bem os pinos superiores. Separe a armadilha da transportadora apenas depois de verificar que a porta desta última está bem trancada.

Caso tenha capturado dois gatos na mesma armadilha, pode transportá-los juntos ou transferi-los, um de cada vez, para transportadoras diferentes, com as preocupações acima mencionadas.

Se tiver de efetuar a transferência sozinho, siga o mesmo processo com estas alterações: Coloque a armadilha contra uma parede, apenas se se tratar de uma armadilha MDC EeziCatch, um pneu ou outra superfície sólida.

No caso da transferência da armadilha suspensa (Drop) para a transportadora, existem algumas especificidades. O processo de transferência é por norma mais demorado e necessita sempre de duas pessoas para ser feito em segurança.
Se o gato estiver determinado a sair por um dos lados da armadilha, peça à outra pessoa que se baixe, ficando face a face com o gato (em vez de se debruçar por cima dele, o que o iria assustar e desorientar). Partindo do princípio que o gato não consegue vê-lo à frente da armadilha por causa da toalha, o animal irá afastar-se da pessoa e fugir em direção à saída.

Se a transferência se estiver a revelar difícil, poderá ser útil interromper o processo, voltar a tapar a armadilha e aguardar algum tempo para o gato se acalmar antes de tentar novamente.

- ***Transporte para a clínica veterinária ou centro de recolha oficial***

Se um gato se mexer muito enquanto o estiver a transportar, incline a armadilha/transportadora a 45 °, obrigando o animal a gastar a sua energia a equilibrar-se.
O transporte deve ser efectuado de forma a que tanto os animais como o condutor estejam seguros e que o bem-estar dos animais não seja comprometido. Antes de colocar as transportadoras dentro do carro, confirme sempre se estas está devidamente fechadas. Tente colocar a parte da frente da transportadora virada para uma área rígida.

Verifique se as transportadoras estão seguras e evite empilhá-las, a menos que tenha a garantia de que não cairão, o que pode ser evitado se mantiver as transportadoras em linha reta para que todas fiquem o mais estáveis possível ou com a utilização de cabos elásticos para automóveis.

Evitar temperaturas altas ou baixas e música alta. É sempre aconselhável utilizar algum tipo de forro por baixo das transportadoras porque alguns gatos podem urinar através das toalhas que cobrem as transportadoras.

Nota importante: quando chegar aos serviços veterinários ou ao local de confinamento, verifique sempre que as portas das transportadoras estão bem fechadas antes de as retirar do carro. Por vezes, os gatos puxam a toalha que cobre a transportadora para dentro dela, fazendo girar e abrir os pinos da porta. Deverá sempre segurar as transportadoras pela base e não pela pega.

Como medida de segurança adicional, poderá até remover as pegas das transportadoras para assegurar que nunca serão usadas colocando em risco os animais. Basta uma pequena folga para a porta se abrir.

A captura

Pós-operatório: cuidar de gatos em armadilhas ou transportadoras

Qualquer que seja o tamanho de uma jaula, se no seu interior existir uma caixa mais pequena num canto, é dentro dela que o gato vai passar a maior parte do tempo. Na situação stressante do confinamento, os gatos assilvestrados preferem espaços mais fechados e escuros, que os fazem sentir escondidos e protegidos. Esta é a razão pela qual se deve facultar sempre um abrigo mais pequeno, tal como uma transportadora ou uma caixa fechada só com uma abertura lateral, para que este se esconda.
Desde que as armadilhas ou transportadoras sejam cobertas e mantidas limpas usando as técnicas descritas abaixo, os gatos ficarão tranquilos e depressa se habituarão à rotina de alimentação e limpeza. Por norma, os gatos ficam aninhados e sossegados durante todo esse período.

Materiais necessários

• Armadilhas (90 cm de comprimento com uma porta traseira) e/ou transportadores de tamanho médio, como apresentado anteriormente;
• Divisórias para armadilhas (pelo menos um par) - caso vá manter os gatos nas armadilhas
• Toalhas (uma por armadilha/transportadora);
• Jornais ou resguardos;
• Taças de água (com bases planas);
• Pratos de comida pequenos;
• Plástico para forrar – caso vá manter os gatos nas armadilhas;
• Luvas de látex;
• Sacos de lixo;
• Mesas (opcional);
• Tenaz.

Preparar o espaço de confinamento

Se vai manter os gatos em armadilhas, coloque um plástico no chão para apanhar eventuais restos que possam cair das mesmas. No final do período de pós-operatório, o plástico pode ser dobrado e deitado fora, o que normalmente resolve a questão dos maus-cheiros. As mesas não são essenciais, mas é mais rápido e mais fácil tratar dos gatos quando as armadilhas/transportadoras se encontram elevadas do chão. Se utilizar mesas, cubra-as também com plástico.
Alinhe as armadilhas/transportadoras, a alguns centímetros de distância umas das outras, com as portas frontais todas viradas para o mesmo lado, e cubra-as. Se souber que dois gatos são especialmente próximos (mãe e crias, irmãos, etc.), encoste as respetivas armadilhas/transportadoras e use apenas uma toalha para cobrir ambas. A temperatura do espaço de confinamento deve ser amena.

A captura

Alimentação e limpeza

Este processo deve ser efectuado duas vezes por dia para cada gato.

Limpeza da armadilha

1. Comece pelo lado da frente da armadilha. Faça com que o gato se mova para a parte traseira, dobrando a toalha na direção para a qual quer que ele vá. Se isto não funcionar, toque levemente no lado da armadilha. Se, ainda assim, o animal não se mover, insira uma das divisórias de armadilha por cima e empurre-o suavemente. A razão pela qual se começa pela parte da frente e se termina com a comida é para evitar empurrar o gato para cima da comida ou água durante o processo de limpeza.

2. Assim que o gato se tiver movido para a traseira da armadilha, insira duas divisórias por cima, uma atrás da outra. Assim o gato não conseguirá fugir quando abrir a porta da frente. Deve usar sempre duas divisórias, uma vez que um gato poderá ser suficientemente forte para dobrar ou empurrar a divisória para cima e fugir.

3. Se apenas dispuser de uma divisória, insira-a horizontalmente através de ambos os lados da armadilha, em vez de o fazer verticalmente, por cima. Certifique-se de que a divisória deslizou completamente até ao lado oposto.

4. Enquanto o gato estiver preso na parte de trás da armadilha, abra a porta da frente, retire o jornal/resguardo sujo e forre a base com jornal/resguardo limpo. O papel de jornal/resguardo torna a armadilha mais confortável para
o gato e serve também de caixa de areia. Não tente colocar um caixote de areia, mesmo pequeno, dentro da armadilha. Se desejar, coloque uma toalha pequena na parte frontal da armadilha. Os gatos gostam de se aninhar por cima das toalhas, embora estas tendam a ficar rapidamente sujas.

5. Feche a porta frontal, certificando-se de que fica trancada, e retire as divisórias.
Volte a cobrir a parte da frente da armadilha com a toalha.

6. Afaste a toalha da parte de trás da armadilha e mova o gato para a parte da frente. Coloque as duas divisórias por cima, uma contra a outra, e abra a porta traseira. Substitua o jornal/resguardo sujo.

7. Perto da porta traseira, coloque a comida num prato e a água num recipiente baixo de fundo raso. Não use latas de comida de gato, dado que podem causar cortes. Os recipientes de água para pássaros que se prendem aos lados da armadilha são práticos para este efeito.

8. Feche a porta traseira, certificando-se de que fica trancada. Retire as divisórias e volte a desdobrar a toalha sobre a parte de trás da armadilha.

Quando se lida com muitos gatos, pode ser útil trabalhar em "linha de montagem":

• Coloque o jornal/resguardos em cima de cada armadilha;

• Cuide de todas as partes da frente;

• Prepare todos os pratos de comida e recipientes de água e coloque-os em cima das armadilhas

• Coloque a comida e a água na parte traseira das armadilhas.

Limpeza da transportadora

Caso esteja a cuidar dos gatos em transportadoras, tenha cuidado acrescido ao abrir a porta para trocar o jornal/resguardo e colocar a comida e água. Abra-a o mínimo possível, retire as taças de comida e água (que devem ficar na parte da frente da transportadora, junto à porta) e depois remova o jornal/resguardo sujo. Para colocar o jornal/resguardo limpo, dobre-o de forma a conseguir inseri-lo na transportadora com a porta apenas entreaberta e coloque-o dentro da mesma.

Coloque depois os recipientes da comida e da água, abrindo sempre a porta o mínimo indispensável. Poderá usar uma tenaz para remover o jornal/resguardo sujo e as taças de comida e um regador para encher a taça de água.

Normalmente, os gatos manter-se-ão encolhidos no fundo da transportadora durante todo o processo. Se um gato tiver tendência para tentar fugir, a forma mais segura de cuidar dele será transferi-lo (seguindo o mesmo método atrás descrito em "transferência para transportadora") para uma transportadora já preparada com o jornal/resguardo limpo, comida e um recipiente vazio para a água, que poderá encher depois com o regador.

Enquanto cuida dos gatos, mantenha sempre a porta do espaço de confinamento bem fechada para, no caso de um gato fugir, ficar contido nessa área.

A captura

Se um gato fugir

Se ocorrer algum incidente e um gato fugir, o mais importante é lembrar-se que nunca deve tentar apanhar um gato errante com as mãos ou uma toalha. O gato estará muito assustado e irá lutar para se libertar, podendo causar ferimentos graves. O que deverá fazer é voltar a capturá-lo com a armadilha.

Período de recuperação

De acordo com as melhores práticas internacionais, equilibramos a necessidade de um período de recuperação pós-cirurgia razoável com a importância de minimizar o stress associado ao confinamento e de manter o processo CED simplificado. Para isso, recomendamos que seja ministrada na cirurgia, a todos os gatos, uma injeção de antibiótico e anti-inflamatório de longa duração (de 48 horas, pelo menos) e um tempo de recuperação de 24 a 48 horas. Os machos e as fêmeas esterilizadas pela técnica de flanco poderão ser libertos em apenas 24 horas.

Nenhum gato que manifeste algum problema de saúde deverá ser libertado sem tratamento. No entanto, lembre-se de que, devido ao *stress* associado ao confinamento de gatos errantes, poderá não ser aconselhável submetê-los a tratamentos prolongados. Em certos casos, a eutanásia poderá ser a melhor opção tendo em conta o bem-estar do animal. Estas decisões devem ser tomadas casuisticamente em conjunto com o médico veterinário.

Uma gata lactante representa um caso especial quando as crias estão na rua sem ela, o que justifica que seja libertada mais cedo, assim que estiver recuperada da cirurgia.

*N**ota importante:*** Pedir ao médico veterinário para fazer suturas bem reforçadas, no caso de esterilização pela linha mediana.

A captura

Regresso à colónia

Os gatos errantes devem ser sempre libertados no seu território original. São animais extremamente territoriais que não podem ser libertados em segurança num novo local sem um período de transição. Se um gato for simplesmente libertado num local que desconhece, o seu instinto será o de tentar regressar ao seu território habitual.
O resultado pode ser desastroso: o gato pode ser atropelado ou perder-se, acabando desorientado e aterrorizado em território desconhecido, sem ter quem cuide dele, sem os companheiros de colónia e sob ameaça de perigos desconhecidos. Libertar um gato assilvestrado num território novo, sem passar pelo processo de realojamento, é o mesmo que abandoná-lo.

Depois da libertação, alguns dos gatos podem desaparecer por uns dias ou até por uma ou duas semanas. No entanto, é provável que os animais regressem rapidamente às suas rotinas anteriores e aprendam a confiar novamente no seu cuidador.

A captura

Outras decisões a considerar

- ***Gatas lactantes***

Quando existe uma gata lactante na colónia ,a melhor forma de proceder, depende da idade das crias e da informação existente sobre a sua localização. Uma forma de verificar se uma gata se encontra a amamentar é levantar a armadilha e observar a barriga dela: se os mamilos estiverem claramente inchados e o pelo em volta estiver molhado é provável que tenha uma ninhada.

- ***Ninhadas de idade e localização desconhecida***

Se a gata estiver efetivamente a amamentar e não sabe onde se encontram as crias ou que idade têm, estará perante uma decisão difícil. Pode soltar a gata, sabendo que é muito provável que nunca mais a consiga capturar, já que muitas gatas não voltam a entrar numa armadilha depois de terem sido capturadas uma vez, e que ela terá muitas outras ninhadas no futuro; ou pode esterilizá-la o mais depressa possível, sempre que possível usando a técnica do flanco, e libertá-la assim que recupere da cirurgia e esteja totalmente acordada da anestesia, para poder amamentar as crias.

Ao tomar esta decisão, há vários fatores a ter em consideração. As crias errantes têm uma taxa de mortalidade muito elevada, portanto podem já não estar vivas. Por outro lado, crias com mais de duas semanas de vida sobrevivem pelo menos um dia sem a mãe. Se puder esterilizar a mãe e soltá-la dentro de 24 horas, é provável que as crias sobrevivam. Um fator importante a ter em conta é que é comum gatas da mesma colónia cuidarem das ninhadas umas das outras e é provável que outra gata lactante amamente as crias da gata capturada enquanto esta estiver ausente.

Há quem considere errado correr o risco de deixar crias morrer na ausência da mãe; outras são da opinião que a atitude responsável é esterilizar a mãe para evitar a procriação futura uma vez que, mesmo que a ninhada atual acabe por morrer, a gata iria gerar muitas mais crias destinadas a sofrer e a morrer de formas muitas vezes atrozes. A Animais de Rua inclui-se no segundo grupo.

No caso de só saber que a gata está a amamentar aquando da cirurgia, através da informação médico-veterinária, esse animal deve ser devolvido à colónia num prazo de 24 horas após a operação ou logo que esteja alerta e recuperada. As fêmeas esterilizadas continuam a poder amamentar.

- ***Ninhada de idade conhecida mas localização desconhecida***

O cuidador pode saber que uma das gatas estava gestante e a idade aproximada da ninhada, mas desconhecer a localização desta. Saber a idade das crias facilita a tomada de decisão. Idealmente, a captura da mãe é atrasada até as crias terem idade suficiente para começarem a aparecer nos locais de alimentação e poderem ser também capturadas.

Contudo, poderá não ser possível atrasar o programa CED durante tanto tempo ou evitar que a gata lactante entre na armadilha. Tente, pelo menos, atrasar a captura até as crias terem duas semanas de idade, para aumentar a probabilidade de sobreviverem um dia sem o leite materno. Combine antecipadamente com os serviços veterinários a esterilização imediata da gata, assim que a capturar.

- ***Ninhadas de idade e localização conhecidas***

Saber a idade e a localização das crias oferece-lhe mais opções. A primeira coisa que tem de decidir é se vai tentar socializar as crias para as encaminhar para adoção. Tirar gatos dóceis ou crias da rua e proporcionar-lhes um bom lar é sempre preferível, mas nem sempre existem recursos para isso. Verifique se tem possíveis adotantes ou FAT disponíveis antes de proceder às capturas.

- ***Ausência de adotantes ou FAT***

Se não existirem adotantes ou FAT disponíveis para acolher as crias, tente adiar a captura até elas terem idade para serem esterilizadas. As crias podem ser esterilizadas aos 2 meses ou 800 g de peso, embora as cirurgias em animais tão jovens exijam um veterinário com experiência neste tipo de procedimento. Se puder esperar até as crias terem pelo menos dois meses, poderão ser esterilizadas e libertadas juntamente com a mãe.

- ***Adotantes ou FAT disponíveis***

Se tenciona encaminhar as crias para adoção, poderá:

1. Capturar gata mãe e crias e mantê-las numa jaula até as crias terem idade para serem adotadas. Neste caso, conciliando os interesses da gata assilvestrada, que deverá ser mantida em confinamento pelo menor período de tempo possível, e o interesse das crias, que devem ser mantidas com a mãe o máximo de tempo possível, e ainda a necessidade de as socializar cedo com pessoas, a nossa política consiste em separar as crias da mãe quando atingem as 6 semanas de idade. Nesta altura, a mãe será esterilizada e devolvida à colónia e as crias encaminhadas para adoção.

2. Deixar a família ficar na colónia e recolher as crias quando estas tiverem de 6 a 7 semanas de idade; a separação, neste caso, dá-se cedo para evitar os potenciais perigos inerentes à vida na rua e para iniciar o processo de socialização o mais rapidamente possível. Neste caso, esterilize imediatamente a gata mãe.

A primeira opção implica consideravelmente menos trabalho do que tratar de crias sem a mãe. Se estiverem juntas na jaula, é a mãe que irá cuidar das crias, sendo apenas necessário alimentá-la, limpar o caixote de areia e interagir com as crias. É com a mãe e os irmãos de ninhada que as crias desenvolvem muitas das suas aptidões sociais. Quando se captura e confina uma família assilvestrada existe o risco de a mãe rejeitar as crias. Contudo, isto é muito raro.

A captura

Capturar a família

É preferível capturar as crias antes da mãe. Se conseguir capturar todos as crias primeiro e estiver com dificuldade em capturar a mãe, pode usá-las para a atrair. Coloque as crias numa transportadora pequena e posicione-a com a porta encostada à porta traseira da armadilha. Cubra a transportadora e ambos os lados da armadilha com uma toalha, deixando apenas a porta frontal da armadilha a descoberto, e arme-a. Desta forma, o único caminho visível para a mãe chegar às suas crias será através da entrada na armadilha. As crias nunca devem ser colocadas dentro da armadilha, uma vez que podem ser gravemente feridas quando a gata entrar em pânico ao perceber que foi capturada.

Se estiver a capturar crias que ainda não estão desmamadas, tenha leite de substituição preparado para o caso de não conseguir capturar logo a gata mãe. Lembre-se que nunca pode deixar uma gata lactante sem as crias na colónia, por isso, caso se torne claro que não irá conseguir capturar a mãe, deverá deixar uma cria macho com ela, que irá depois capturar para esterilização após o desmame.

A captura

Outros cenários

- ***Gatas gestantes***

O período de gestação de uma gata é de cerca de dois meses. Durante as primeiras fases da gestação, a mesma só pode ser verificada durante o processo de esterilização. Se uma gata estiver visivelmente gestante, pode:
1. Capturá-la e esterilizá-la, submete-la a esterilização abortiva, e devolvê-la à colónia; 2. Capturá-la e confiná-la até as crias nascerem e serem desmamadas;
3. Não a capturar e permitir que as crias nasçam na colónia.

Dependendo da experiência e da política do médico veterinário, as gatas podem ser esterilizadas em segurança até aos últimos dias de gestação. Embora seja o recomendado pelas melhores práticas internacionais, deverá falar com o médico veterinário para saber a sua visão sobre este assunto.

Há quem considere o aborto inaceitável. Porém, é necessário ter em conta a grave superpopulação de gatos que existe e a grande dificuldade em encontrar famílias para todos.

Se decidir não esterilizar a gata, as opções serão acolhê-la e deixá-la ter as crias numa jaula, criando-as em confinamento, (durante um máximo de 5 semanas, como referido anteriormente),o que levanta questões de bem-estar físico e psicológico para a gata errante contribui para o agravamento da superpopulação animal, ou permitir que as crias nasçam na colónia e tentar capturar toda a família mais tarde. Deixar a gata parir em ambiente seguro e controlado é muito mais seguro para as crias. A taxa de mortalidade das crias errantes é bastante elevada. Podem sucumbir a anemias causadas por pulgas, são suscetíveis a doenças porque os seus sistemas imunitários ainda se encontram pouco desenvolvidos e têm maiores probabilidades de não sobre-viver a perigos comuns, tais como atropelamentos e maus-tratos.

Dada a grave superpopulação de gatos que existe atualmente e a elevada taxa de mortalidade das crias errantes, consideramos que não faz sentido permitir o nascimento de ninhadas nas colónias, se for possível evitá-lo. Quando uma gata gestante é capturada nunca deverá ser libertada, quer esteja no início ou no fim da gestação, devido ao elevado risco de nunca mais se deixar capturar. Assim, optamos por submeter a gata a uma esterilização abortiva (mesmo estando no fim do tempo de gestação), e libertá-la novamente na colónia.

No caso de a gata entrar em trabalho de parto entre a captura e a esterilização,

consideramos como única opção o seu confinamento numa jaula com as crias até serem desmamadas e encaminhadas para adoção.

- ***Gatos aparentemente dóceis***

Não tente apanhar um gato errante com as mãos e colocá-lo dentro duma transportadora, ainda que este se deixe pegar e fazer-lhe festas. Os gatos assilvestrados aprendem a confiar nos seus cuidadores e alguns poderão demonstrar afeto. Não assuma, porém, que os pode tratar como gatos domésticos. É perigoso tentar forçar um gato assilvestrado a entrar num espaço confinado. O animal pode ficar aterrorizado e morder ou arranhar na tentativa de escapar, podendo provocar ferimentos graves. É mais seguro utilizar os mesmos procedimentos de captura para todos os gatos, a menos que tenha absoluta certeza de que o gato em questão é um gato doméstico abandonado recentemente. No entanto, muitos gatos domésticos não gostam de ser colocados em transportadoras e podem reagir agressivamente.

Se tem a certeza que o gato é dócil, coloque um pedaço de atum ou outro petisco no fundo de uma transportadora e deixe-o entrar, fechando a porta atrás dele rapidamente.

- ***Gatos doentes***

Embora, por norma, o uso de redes não seja aconselhável para capturar gatos errantes, estas podem ser úteis se o gato estiver incapacitado de entrar na armadilha, por ferimento ou doença que iniba o olfato e lhe retire o interesse pelo isco. Neste tipo de situação, recomendamos a Catch net for small animals da MDC Exports.

- ***Crias***

Para maximizar as hipóteses de capturar várias crias/juvenis, use a armadilha em modo manual, preferencialmente os modelos Multi-Cat ou armadilha suspensa. Se tentar capturar, com as mãos, crias com menos de 4 semanas de idade, use luvas grossas para evitar ferimentos de mordeduras.

- ***Gatos difíceis de capturar***

Para que o programa CED seja bem sucedido, todos os elementos da colónia devem ser esterilizados, sem exceção. É a única forma de garantir que não nascerão mais ninhadas. No entanto, há gatos que não entram numa armadilha tradicional, independentemente do tempo de jejum a que são submetidos ou do tipo de isco utilizado.

Não deve recorrer ao uso de tranquilizantes. O gato pode sair do alcance da sua vista e sofrer algum acidente por perder os reflexos à medida que o medicamento atua. Além disso, pode não o conseguir localizar após a sedação pois, ao ficar sonolento, tenderá a

procurar um refúgio. Usar dardos tranquilizantes num animal tão pequeno é, também, perigoso. Em alternativa, experimente um destes métodos:

1. Armadilha suspensa (Drop trap)
A armadilha suspensa é um equipamento excelente para capturar gatos difíceis, visto que cai sobre o animal sem que este tenha de entrar num espaço confinado.

2. Treinar os gatos para entrar na armadilha
Se possível, leve uma armadilha desarmada na colónia por alguns dias. Os gatos poderão ser treinados a entrar nela, bastando para isso colocar a comida no seu interior e retirar a porta traseira.

3. Armadilha camuflada
Às vezes, camuflar a armadilha com folhas e ramos ajudará a atrair os gatos. Cubra os lados e a base da armadilha com folhas e ramos, mas não a porta traseira e certifique-se de que esta não impede a porta frontal de ser fechada.

Realojamento

Quando é apropriado realojar uma colónia?

Quando ouvimos falar de uma colónia de gatos errantes cuja população está descontrolada e é alvo de hostilidade por parte da comunidade, o primeiro instinto é, muitas vezes, transferir os gatos para um local mais seguro. No entanto, é muito difícil encontrar um lugar adequado e o processo de adaptar os gatos a um novo território é árduo. A seguir à comida, o território é o fator mais importante para a sua sobrevivência. Quando uma colónia é controlada por um programa CED, os gatos poderão viver vidas relativamente longas, saudáveis e satisfatórias, se a segurança do seu território se mantiver.

Dado que o seu território, bem como os laços que desenvolvem entre si, são tão importantes para os gatos errantes, o realojamento deve ser considerado apenas quando o seu ambiente está verdadeiramente em perigo. A maioria dos problemas pode ser resolvida através do programa CED: a hostilidade inicial da comunidade devido ao barulho, a maus cheiros e a ninhadas sucessivas poderá dissipar-se com a esterilização; as queixas de um proprietário podem ser resolvidas deslocando-se o ponto de alimentação.

O realojamento é um processo trabalhoso e exige que os gatos fiquem confinados no seu novo território por três semanas (o que é deveras stressante) até se adaptarem ao novo território e aprenderem que a sua fonte de alimento se alterou e serem capazes de se orientar no novo local. Caso contrário, é provável que tentem regressar ao seu ambiente familiar, enfrentando uma série de perigos.

Mesmo em situações que impliquem alterações significativas no território da colónia, como trabalhos na via pública, demolições/reabilitações de edifícios, etc., é sempre preferível deslocar os animais para um local seguro nas proximidades, mudando gradualmente o seu local de alimentação, com a ajuda do cuidador, do que realojá-los.
Outro aspeto a ter em conta é o que acontecerá ao território antigo se os gatos forem retirados. Se se mantiver a alimentação e abrigo, mais cedo ou mais tarde dar-se-á o chamado efeito de vácuo: novos gatos ocuparão o espaço para tirar partido desses benefícios e reproduzir-se-ão até ao limite da capacidade do local, formando uma nova colónia.

Por todas estas razões, devem ser sempre exploradas todas as hipóteses de deixar os gatos ficar no local onde vivem, pelo que o realojamento deve ser pensado como o último recurso possível.

- ***Escolha de um novo território***

O primeiro passo é encontrar um novo local. Este não tem de ser um território semelhante ao original: os gatos que viviam num armazém podem ser realojados num quintal, os que viviam num edifício abandonado podem ir para uma quinta, etc.

O que o novo território deve ter é:
1. Um cuidador de confiança que siga cuidadosamente as directrizes do realojamento e que aceite a responsabilidade de cuidar dos gatos a longo prazo;
2. Uma estrutura (celeiro, garagem) que os abrigue e proteja das adversidades durante o período de confinamento;
3. Ser longe de construções em progresso ou de trânsito intenso.

Se necessário, os gatos podem ser realojados para um território onde já exista uma colónia, mas isso torna o processo mais complicado para os recém-chegados. Investigue potenciais perigos, tais como animais predadores (cães, por exemplo), hostilidade por parte de vizinhos ou instituições, proximidade de zonas de caça e outros riscos ambientais.

Não desloque os gatos antes de ter inspecionado o local e de conhecer pessoalmente o responsável. Uma quinta pode parecer ideal, mas se o cuidador estiver lá apenas aos fins-de-semana, não funcionará, pois os gatos devem ser alimentados diariamente e necessitarão de constante supervisão durante três semanas. Não corra o risco de ter uma surpresa desagradável e de ter de tomar decisões difíceis no momento, com os animais a seu cargo.

Realojamento

O Processo de realojamento

Todos os gatos de uma colónia devem ser realojados juntos, de modo a não quebrar os fortes laços que existem entre eles. Se tal não for possível, os gatos podem ser divididos em dois ou mais grupos, respeitando os laços especiais que possam existir entre eles. Mas nunca se deve realojar um gato de uma colónia sozinho num novo território, pois a probabilidade de ele aí permanecer é bastante reduzida. A capacidade de um gato se adaptar a um novo local é extremamente influenciada pelo número de companheiros de colónia que o acompanham no realojamento.

Este processo será exigente para todos, por isso tente fazê-lo da forma mais tranquila e rápida possível, e sem incidentes. Capture os gatos, esterilize-os (se ainda não tiver implementado o programa CED) e dê-lhes dois ou três dias para que recuperem. Certifique-se de que fornece ao novo cuidador o maior número possível de pormenores sobre as antigas rotinas dos animais. Se os gatos estiverem habituados a um determinado tipo de alimentação, mantenha-o. Cada mudança será um fator de stress para eles.

Antes de transportar os gatos para o seu novo local, tenha tudo pronto no mesmo. No espaço onde os animais irão ficar confinados, coloque uma jaula grande (ou várias jaulas mais pequenas se os animais não couberem todos numa só) e coloque sempre vários gatos em cada jaula. O local deve ser tranquilo, de preferência perto de locais onde se possam esconder depois de serem soltos.

Se o clima for ameno, pode vedar e fechar um pequeno pedaço do terreno a toda a volta (incluindo a parte superior, ou com vedações de "cavalo") criando uma estrutura semelhante a uma jaula e colocando abrigos no interior. Desta forma, os gatos ficarão livres dentro de uma área fechada e, no final do período de confinamento, basta abrir a porta e deixá-los sair, à medida que se sentirem suficientemente confiantes para o fazer. Se não houver essa possibilidade, eles terão de permanecer confinados em jaulas. As jaulas devem conter uma transportadora onde os gatos se possam esconder, uma caixote de areia, comida e água, tal como descrito no capítulo "A jaula de tratamento".

Em climas com invernos rigorosos, evite fazer o realojamento nos meses mais frios – os gatos não vão poder mexer-se muito e o frio poderá comprometer a sua saúde. Se tiver mesmo de o fazer, coloque dentro das jaulas abrigos com isolamento térmico, em lugar de transportadoras. Cubra as jaulas com cobertores.

Os gatos podem tentar fugir, sobretudo nos primeiros dias. Certifique-se de que o cuidador conhece os procedimentos descritos mais pormenorizadamente no capítulo "A jaula de tratamento". Os gatos precisam de água, comida e areia fresca uma vez por dia, pelo que a porta da jaula irá ser aberta com frequência, dando-lhes oportunidade de tentar fugir. Se um gato fugir, peça ao cuidador para deixar comida, água e uma caixa de areia usada no local.

Incentive o cuidador a falar com os gatos para se familiarizar com eles. Se os gatos aprenderem a confiar no cuidador, o processo de realojamento tem mais probabilidades de ser bem sucedido. É útil manter um horário de alimentação consistente, bem como fornecer alimentos húmidos durante o seu confinamento e durante mais algumas semanas após a sua libertação. Os alimentos húmidos são mais apelativos e consumidos mais rapidamente do que os alimentos secos e ajudam os gatos a habituarem-se a uma nova rotina. Gradualmente, algumas semanas após a sua libertação, os alimentos húmidos podem ser substituídos ou complementados por alimentos secos, se tal for preferível. A água deve estar sempre disponível.
Três semanas de confinamento é o período ideal para o seu sucesso.

Mantenha o contacto com o novo cuidador. Pergunte como é que os gatos se estão a ambientar e esteja disponível para oferecer ajuda ou orientações. Se, a dada altura, o local de realojamento deixar de ser seguro, certifique-se de que o cuidador o alerta e sabe que estará disponível para ajudar.

Realojamento

Santuários/Abrigos

Um abrigo ou um gatil não é um local adequado para gatos assilvestrados, cujo bem-estar físico e psicológico seria gravemente comprometido. Devido ao seu temperamento, e à falta de socialização, não devem estar confinados nem forçados ao contacto próximo com pessoas ou animais desconhecidos.

Um santuário onde os animais vivam em liberdade pode ser uma boa opção, embora saibamos que encontrar um bom santuário pode ser ainda mais difícil do que fazer um realojamento bem sucedido. O problema é evidente: existem centenas de milhares de gatos assilvestrados e vadios e muito poucos santuários bem geridos e de confiança. Já é difícil conseguir um lugar num santuário para um único gato, quanto mais para uma colónia inteira. Infelizmente, os santuários mal geridos estão por todo o lado. Estes tendem a ter falta de pessoal, de espaço, de comida, de fundos e prestação de cuidados básicos.

Se considerar a hipótese de colocar os animais num santuário, eis algumas perguntas que deve fazer:

1. Como é que lidam com gatos doentes - há serviços veterinários disponíveis no local?
2. Qual é a política de eutanásia?
3. Têm um limite de animais que aceitam?
4. Cumprem o método rigoroso de realojamento de gatos assilvestrados e errantes?

Depois de ter inspecionado o local e de ter obtido todas as respostas, será capaz de tomar uma decisão consciente sobre se o santuário pode proporcionar uma vida feliz e saudável aos gatos.

Realojamento

Gestão da colónia

- ***Localização***

Idealmente, uma colónia deve ser facilmente acessível pelo cuidador, mas inacessível e fora da vista do público. Se a colónia estiver localizada num local frequentemente visitado por pessoas, alimente os gatos o mais longe possível dos passeios e retire os recipientes de comida assim que os animais acabarem de comer, deixando apenas um recipiente limpo com água fresca num local discreto.

Se a colónia se encontrar num espaço público, tenha sempre em conta os regulamentos municipais sobre este assunto, caso existam.

- ***Ponto de Alimentação***

Não deve começar a alimentar uma colónia onde os gatos têm a ponta da orelha cortada, a menos que conclua que os animais não estão a obter alimento de outra fonte ou que não são auto-suficientes através da caça. Isto porque pode estar a perturbar o decorrer de um programa CED nas redondezas e/ou a afastar os gatos do seu ponto de alimentação. A comida é a forma de ligação básica entre humanos e gatos assilvestrados; estes habitam um determinado local porque há uma fonte de alimentação, geralmente fornecida por pessoas. O tipo de comida e a forma como é

fornecida pode fazer uma grande diferença na saúde da colónia e nas boas relações com a vizinhança.

Cada colónia tem as suas características e os cuidadores devem adaptar-se às condições do local, bem como ter em conta a sua própria disponibilidade monetária e de horários.

Alimentar gatos errantes sem implementar um programa CED pode ter consequências nefastas e, a médio prazo, provocar mais sofrimento aos animais. Existe uma ligação estreita entre nutrição e reprodução: um aumento das fontes de alimento disponíveis conduzirá a um aumento da atividade reprodutiva. Em suma, alguém que comece a alimentar uma colónia de gatos deve estar preparado para assumir a responsabilidade que advém de um aumento da população.

- ***Nutrição***

Os gatos errantes devem ser alimentados com comida de boa qualidade que satisfaça as necessidades nutricionais específicas dos gatos. Há dois fatores importantes a ter em consideração: em primeiro lugar, a nutrição é importante para os gatos assilvestrados, que estão sujeitos às condições fisicamente exigentes da vida na rua, não havendo melhor forma de preservar a sua saúde do que alimentá-los bem; em segundo lugar, mas com igual importância, estão as condições financeiras do cuidador – não faz sentido alimentar os animais com a melhor marca de comida, se isso significar um elevado sacrifício pessoal.

- ***Tipo de comedouro***

O tipo de comedouro vai depender do local onde o vai colocar, nomeadamente da sua visibilidade ao público e do facto de se encontrar em propriedade privada ou num espaço público. O comedouro ideal protege a comida e a água das condições atmosféricas e permite que um ou dois gatos tenham acesso ao interior, onde se alimentam. Pode transformar uma caixa grande de plástico com tampa num comedouro. Corte um dos lados maiores da caixa, deixando em baixo um rebordo de cerca de 7 cm. Uma abertura grande é necessária para prevenir que um gato dominante por mais territorial impeça os outros de comer ou os encurrale. Os comedouros feitos a partir de caixas de plástico são fáceis de limpar por causa da tampa amovível e da facilidade com que são montados. A caixa não deve ser tão grande que possa abrigar gatos lá dentro, exceto se servir o duplo propósito de abrigo e comedouro.

O comedouro também pode ser feito de madeira. Os comedouros de madeira devem ser colocados ligeiramente acima do nível do solo para evitar a entrada de água

e ter um teto inclinado para trás para escoar a água da chuva para longe da entrada.

Para evitar o apodrecimento da madeira, os comedouros de madeira devem ser pintados com tinta de látex impermeável e as juntas isoladas com cola de silicone.
Se não for possível alimentar os gatos regularmente, pode ser deixado um dispensador automático de comida seca e água no interior do comedouro ou num local protegido das condições atmosféricas.

- ***Quantidade de comida***

Um dos argumentos a favor do programa CED é o facto de uma colónia de gatos esterilizados defender o seu território da intrusão de gatos novos e não esterilizados, impedindo assim o recomeço do ciclo reprodutivo nesse local. Mas um dos principais fatores que determinam a capacidade de uma colónia se defender de novos gatos é a quantidade de comida disponível. Se houver excesso de comida, haverá pouca motivação para os residentes afugentarem os novos gatos. A solução é encontrar o equilíbrio certo e alimentar os gatos devidamente, sem colocar doses excessivas que possam atrair outros animais. A maioria dos gatos domésticos que pensamos serem bem constituídos são, na verdade, obesos. Os gatos de rua precisam de muito mais
capacidade de movimento para sobreviver na rua e devem ser capazes de saltar, trepar, caber em espaços pequenos, correr e escapar de vários perigos. Se forem
alimentados em excesso, perdem a sua aptidão física e, efetivamente, correm mais perigo.

- ***Manter a área limpa***

Para evitar problemas com os vizinhos, é importante manter o local de alimentação limpo. Recolha todas as latas, pratos, sacos vazios e colheres de plástico , etc., mesmo que tenham sido deixados por outra pessoa. Uma zona de alimentação suja e cheia de lixo não só é uma visão desagradável para a vizinhança, como também pode causar problemas legais ao pôr em causa a saúde pública. Se possível, ajude a manter as redondezas limpas. Isto reforçará a sensação de que a sua presença no local é benéfica para a comunidade.

As formigas podem ser afastadas da comida através da abertura de um pequeno fosso: encha um recipiente plano, largo e com rebordos elevados com um pouco de água e coloque a tigela de comida no meio. A água impedirá que as formigas cheguem à comida, mas os gatos poderão continuar a comer.

As moscas são um problema, especialmente quando a comida húmida é deixada ao ar livre em ambientes quentes. Retire sempre os restos de comida depois de os animais terem comido. Os pombos recolhem ao ninho e dormem depois do pôr-do-sol. Evite que as aves comam a comida dos gatos, alimentando-os ao fim do dia.

Realojamento

Abrigos de inverno

Os gatos errantes encontram facilmente locais seguros onde se podem abrigar. Em climas mais amenos, o abrigo não é uma questão particularmente preocupante, mas em climas mais frios, se não houver um local quente e seco para dormir, os gatos podem adoecer e sofrer queimaduras de gelo nas orelhas, nariz e patas. Nestas circunstâncias, é importante proporcionar um abrigo de inverno adequado.

Esta estrutura deve servir de abrigo e local de alimentação, separados por uma divisória interior. Recomendamos que os abrigos sejam elevados alguns centímetros do solo, para os proteger dos danos causados pela humidade do solo. A estrutura deve ser completamente fechada, com aberturas de tamanho suficiente para permitir a entrada e a saída dos gatos. É essencial que ambos os espaços (abrigo/ local de alimentação) tenham duas entradas para evitar que os gatos fiquem encurralados ou presos. Os abrigos devem ter duas características essenciais: bom isolamento e o mínimo de espaço extra possível. O isolamento é necessário para manter o calor do corpo dos animais e o excesso de espaço deve ser evitado de modo a reduzir a área a ser aquecida.

Tendo isto em conta, é preferível construir dois abrigos mais pequenos que abriguem três a quatro gatos cada um, do que um grande que abrigue seis a oito. Num abrigo pequeno, deverá gerar-se calor suficiente, mesmo que apenas se encontrem, no seu interior, um ou dois gatos. Num abrigo maior, se apenas um pequeno número de animais o estiver a utilizar, haverá demasiado espaço livre.

Em climas com invernos mais rigorosos, pode ser útil incluir uma caixa de ar entre duas placas de madeira na construção das paredes e no teto. Este espaço pode ser deixado vazio ou preenchido com um material isolante. O telhado destes abrigos deve ser amovível para facilitar a sua limpeza. Recomenda-se a colocação de um cadeado, para que apenas os cuidadores tenham acesso. No interior do abrigo podem ser colocados materiais para maior conforto e calor. No entanto, estes só devem ser utilizados se forem verificados periodicamente, para substituir os materiais que se tenham molhado ou sujado. Se não puder efetuar estas inspecções periódicas, deixe o interior do abrigo vazio.

Utilize apenas materiais isolantes em que os gatos se possam aninhar. Materiais nos quais os animais apenas se conseguem deitar por cima devem ser evitados, tais como cobertores, toalhas ou papel de jornal inteiro que, quando se encontram debaixo do gato, irão apenas retirar-lhe calor corporal. A palha é um bom material de isolamento.

É melhor do que o feno porque absorve mais humidade, é menos propenso a criar bolor ou a apodrecer e é menos suscetível de provocar reações alérgicas. Uma caixa de papel com jornais cortados em tiras ou uma fronha de almofada ligeiramente cheia de "amendoins" de esferovite também podem constituir ninhos confortáveis para os gatos.

Tal como no caso dos pontos de alimentação, o espaço escolhido para o abrigo deve ser o mais discreto possível. Quanto mais escondidos estiverem, mais provável será que os gatos os utilizem.

A localização dos abrigos e dos locais de alimento irá determinar onde os gatos passarão a maior parte do seu tempo. Pode utilizá-los para orientar os animais para um sítio mais apropriado, melhorando a sua relação com a comunidade.

Gatos Adotáveis

Sempre que possível, os gatos e crias sociáveis e adotáveis devem ser retirados da colónia e encaminhados para bons lares. No entanto, se não tiver recursos para o fazer, quer porque não há espaço nos centros de acolhimento, quer porque não há famílias de acolhimento disponíveis, então esterilizá-los e continuar a cuidar deles no seu território será a escolha acertada. Existem três categorias de gatos em colónias que são potencialmente adotáveis:

- Gatos domésticos abandonados que ainda são sociáveis com as pessoas;
- Crias com menos de 2 meses de idade;
- O caso raro do gato assilvestrado adulto amigável.

Gatos Adotáveis

Determinar se um gato é adotável

- ***Gatos domésticos abandonados***

Quando se suspeita que um gato doméstico foi abandonado numa colónia, é necessário observar o seu comportamento antes de o capturar para determinar se se trata, de facto, de um animal doméstico abandonado. O gato em questão chegou recentemente à colónia? Mantém-se separado dos outros? Confiou em si imediatamente ou pouco depois de o ter conhecido? Há gatos assilvestrados que podem andar à volta das suas pernas e permitir que lhes faça festas, mas é algo que normalmente demora algum tempo a acontecer. Os gatos domésticos tendem a ser menos desconfiados e procuram mais rapidamente o afeto dos humanos.

Outro aspeto a ter em conta é a reação do gato quando estiver dentro da armadilha e se tiver acalmado. Se o animal miar ou parecer estar relaxado ou a querer a sua atenção, é pouco provável que seja um gato assilvestrado. Os gatos assilvestrados tendem a encolher-se no canto mais afastado da armadilha. Além disso, a maioria dos gatos assilvestrados não gosta de estabelecer contacto visual com as pessoas.
É comum pensar-se, de forma errada, que se um gato capturado se debater muito se trata de um animal assilvestrado e, se não o fizer, será dócil. Quase todos os gatos, sejam eles assilvestrados ou de estimação, entram em pânico quando se apercebem que estão presos e à mercê de um estranho. Só mais tarde, depois de se terem acalmado, será possível fazer uma avaliação mais exacta.

Quando um gato doméstico é abandonado e passa algum tempo na rua sozinho, lutando para sobreviver, a sua experiência pode ser bastante traumática. Mais tarde, depois de estar num local seguro, pode apresentar alguns comportamentos de stress, como miados prolongados, agressividade ou letargia, e pode precisar de alguns dias para ultrapassar o trauma.

Lembre-se sempre que não existe um teste infalível. Todos os gatos são diferentes e todos estes sinais devem ser considerados para se fazer uma avaliação correta.
A dificuldade em distinguir gatos assilvestrados dos domésticos é mais uma razão para nunca tentar apanhar um gato desconhecido com as mãos e colocá-lo numa transportadora. Se se enganar quanto à natureza do animal, pode ficar gravemente ferido ou perder o gato, pelo que deve utilizar sempre a armadilha. Este aviso também se aplica às crias: mesmo que tenham apenas cinco ou seis semanas de idade, têm dentes suficientemente afiados e mandíbulas suficientemente fortes para lhe causar ferimentos.

- ***Crias errantes***

A idade é o principal fator para determinar a rapidez com que as crias errantes podem ser rapidamente socializadas. Embora haja excepções, as crias com seis a sete semanas de idade podem ser facilmente socializadas, geralmente num dia ou dois, se receberem muita atenção e contacto humano direto. Após as oito semanas de idade, o grau de dificuldade e incerteza aumenta rapidamente.

No entanto, se uma cria tem três meses ou menos, com tempo e muita paciência, há boas hipóteses de poder, com tempo e paciência suficientes, ser socializada a ponto de ser adotável. Depois dos três meses, as hipóteses de socialização diminuem drasticamente. É mais provável que, nesta idade, a cria se ligue à pessoa que cuida dele, mas se afaste de todos os outros seres humanos, comprometendo as suas hipóteses de adoção.

- ***Socializar crias errantes***

Algumas crias errantes socializam pouco depois do primeiro contacto com humanos. No entanto, a maioria precisará de mais tempo e, inicialmente, podem ficar assustados e mordê-lo. Comece por colocar as crias num espaço fechado, como uma casa de banho, onde sejam obrigados a lidar com a sua presença. No caso de serem muito tímidas, comece por colocá-las numa jaula. Se as deixar à solta, elas fugirão e esconder-se-ão, podendo nunca interagir consigo. Inicialmente, coloque uma transportadora dentro do local confinado, onde o animal se possa esconder sempre que quiser. Desta forma, este sentirá que existe um lugar seguro no seu território. Antes de tentar tocar-lhes, experimente brincar com o animal à distância. Uma vara comprida com uma pena atada a um fio é ótima para este efeito. Desta forma, ele aprenderá que o ser humano não é uma ameaça. Fale com eles regularmente e seja paciente.

Quando as crias estiverem à vontade, o que será demonstrado pela rapidez com que vão querer brincar e deixarem de mostrar medo na sua presença, comece a interagir mais com eas. Quando se sentirem confortáveis com o seu toque, o que pode demorar alguns dias, pode começar a pegar-lhes ao colo. Aumente o contacto gradualmente até as crias ficarem no seu colo e a ronronar enquanto são acariciadas. Quando interagir com as crias, leve sempre uma recompensa - é importante que elas associem a sua presença a algo agradável. A duração deste processo dependerá do temperamento e da idade das crias.

Quanto mais contacto humano as crias errantes tiverem consigo, mais rapidamente irão socializar. Por isso, brinque e fale com elas o mais possível. É preferível interagir com elas durante curtos períodos de tempo, várias vezes ao longo do dia, do que interagir com elas apenas uma vez por dia durante um longo período de tempo, deixando-as sozinhas durante o resto do dia. É também importante que várias pessoas interajam com elas. Desta forma, evita-se que as crias socializem apenas consigo, o que dificultará a sua adoção.

Mesmo as crias mais jovens podem manter algumas das suas características assilvestradas, tais como uma maior sensibilidade a mudanças no seu ambiente e saídas do seu território. Estes comportamentos podem manter-se a vida toda devendo ser antecipados, de modo a aliviar a sua tensão.

• Gatos errantes adultos sociáveis

O facto de um gato errante agir de forma amistosa para com o seu cuidador enquanto está no seu próprio território, não significa, necessariamente, que vá reagir bem e manter-se dócil se for retirado do seu espaço habitual e levado para casa. Posto isto, há gatos assilvestrados que se afeiçoam a humanos, especialmente se tiver passado algum tempo desde que foram esterilizados. Um bom sinal de que a domesticação e adoção são uma possibilidade é se o gato passar a ser sociável para com pessoas estranhas ou não mostrar medo nem fugir na sua presença.

Crias

Determinar a idade das crias

Determinar a idade de um cria é difícil, uma vez que as características físicas e a taxa de crescimento podem variar muito de um indivíduo para o outro, devendo ser considerados os seguintes factores:

- ***Dentes***
  1. Os primeiros dentes de leite surgem por volta das duas ou três semanas de idade
  2. Os incisivos definitivos aparecem por volta dos quatro meses;
  3. Os caninos definitivos aparecem normalmente por volta dos cinco meses de idade
  4. Os molares e pré-molares definitivos aparecem entre os cinco e os seis meses

- ***Peso***

Normalmenteas crias aumentam 0,5 kg de peso por mês até aos quatro ou seis meses de idade (um pouco menos no caso das fêmeas). Assim, se uma cria pesa 1 kg, é provável que tenha cerca de 2 meses de idade. Os gatos errantes, dependendo do nível de nutrição, podem ser mais pequenos.

- ***Olhos***

Quando as crias nascem, os seus olhos estão fechados. Normalmente, as pálpebras separam-se entre os 10 e os 14 dias de idade. Se as pálpebras fechadas, incharem ou estiverem cobertas de pus, a cria deve ser levada imediatamente ao veterinário. Em algumas raças, por exemplo, os siameses e os orientais, os olhos podem estar parcialmente abertos à nascença e completamente abertos em poucos dias. As crias apresentam diferentes níveis de estrabismo até cerca das oito semanas de idade. A íris azul-acinzentada de uma cria recém-nascida muda para a cor adulta após 23 dias de idade.

A área membranosa do fundo ocular (a parte de trás do olho) muda gradualmente de uma cor azul-acinzentada para a sua cor definitiva por volta dos quatro meses de idade.

Crias

O que fazer quando encontra uma ninhada de crias recém-nascidas?

Se encontrar uma ninhada numa colónia, as crias podem estar sozinhas porque a mãe foi incomodada ou porque se afastou para procurar comida. As gatas errantes podem passar várias horas longe das suas ninhadas.

O ideal é deixar as crias onde estão e observá-las à distância, pois é muito provável que a mãe regresse. Se a mãe não regressar, será necessário decidir o que fazer com eles.

As opções são colocá-los ao cuidado de outra gata que esteja a amamentar (esta é sempre a melhor opção) ou, se não houver uma gata mãe disponível, alimentá-los à mão, com leite e biberão adequados para o efeito. Se as crias estiverem doentes ou demasiado fracas, deve levá-las ao veterinário para avaliar a opção mais adequada, o tratamento ou a eutanásia.

Crias

Considerações básicas para alimentar crias à mão

Alimentar crias à mão não é uma tarefa fácil e exige muito tempo. Normalmente, todas as necessidades das crias são satisfeitas pela sua mãe e será sempre difícil substituí-la. Uma cria alimentada em total isolamento dos outros gatos (mãe e companheiros de ninhada) corre o risco de ter um desenvolvimento psicológico deficiente, nomeadamente nervosismo e menor capacidade de adaptação a novos ambientes, pessoas ou animais.

Os maiores problemas quando se tenta alimentar as crias à mão são a hipotermia, a desidratação e a hipoglicemia. Estes três problemas estão interligados e é necessária uma monitorização rigorosa para que possam ser tomadas medidas atempadas, caso ocorram. As crias recém-nascidas precisam de ser alimentadas até 10 vezes em cada período de 24 horas (de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas, mesmo durante a noite); o estilo de vida do cuidador terá de ser flexível. As crias, tal como os bebés humanos, precisam de estar com o cuidador 24 horas por dia durante os primeiros dias de vida.
O cuidador não deve exceder o intervalo de alimentação predefinido.

Quando têm fome, as crias andam inquietos à procura de leite. Se não forem alimentados, ficarão cansados e acabarão por adormecer novamente, o que não é recomendado.

- ***Temperatura***

Nas primeiras três semanas de vida, recomenda-se a utilização de um pequeno cesto com vários cobertores confortáveis e um brinquedo macio ao qual as crias se possam aconchegar. O calor é essencial para uma cria recém-nascida, uma vez que esta não consegue controlar a sua temperatura corporal. Em condições naturais, o calor é obtido através do contacto direto com o corpo da mãe. Uma cria recém-nascida perde calor muito rapidamente, por isso é importante que seja mantida seca e à temperatura adequada. Tente manter a divisão onde se encontram as crias a uma temperatura ambiente de cerca de 24° C. O corpo das crias deve estar relaxado enquanto dormem e deve estar quente ao toque. Poderá notar ligeiros espasmos enquanto eles descansam.

- ***Hidratação***

Quando uma baixa humidade relativa é combinada com a falta de ingestão de líquidos, as crias correm o risco de desidratação. Os sinais de desidratação incluem a perda de elasticidade da pele e as mucosas pegajosas (gengivas), sendo necessária a intervenção de um veterinário.

- ***Estimular os esfíncteres***

É necessário estimular as crias com menos de duas semanas de idade a urinar e a defecar. O reflexo natural de incontinência é desencadeado quando a mãe lambe a zona anogenital das crias. No caso de crias órfãs, a descarga urinária e a defecação devem ser estimuladas pelo cuidador. Esta estimulação deve ser feita utilizando um algodão húmido ou toalhetes húmidos para bebés humanos à base de água, macios e sem perfume na zona anogenital das crias, em movimentos circulares, imitando o movimento da mãe. Esta estimulação deverá ser feita durante as primeiras quatro semanas até as crias começarem a urinar e a defecar sozinhas.

A zona anogenital deve ser suavemente estimulada antes e depois das refeições.
É normal que as crias chorem um pouco antes de defecar; quando defecam, o choro deve cessar. A partir das três semanas de idade, a estimulação deve ser feita enquanto a cria está na caixa de areia para incentivar a sua utilização. Deve deixar uma pequena quantidade de fezes na caixa de areia para lhes mostrar onde devem fazer as suas necessidades.

- ***Alimentação***

Nas primeiras duas semanas de vida, as crias saudáveis comem e dormem 90% do tempo. Se estiverem a chorar excessivamente ou não conseguirem mamar, isso geralmente significa que estão doentes ou que não estão a beber leite suficiente. Uma vez que as crias são frágeis e podem morrer muito rapidamente, devem ser observadas por um médico veterinário o mais rápido possível. Não utilize leite de vaca/ cabra porque os níveis de proteína e gordura são demasiado baixos. Utilize apenas fórmula de leite para gatos à venda em clínicas veterinárias ou em lojas de animais. Se as crias não tiverem recebido colostro natural durante as primeiras oito horas de vida, tente fornecer-lhes colostro de substituição. O colostro natural é o primeiro leite segregado pela gata-mãe nas primeiras mamadas. As crias com menos de duas semanas de idade devem ser alimentadas a cada 2 ou 3 horas (ou quando choram por comida) e as crias com duas a quatro semanas de idade podem ser alimentadas
a cada 6 ou 8 horas. O leite deve ser aquecido até 35-37,8 °C (aproximadamente a mesma temperatura que a pele do antebraço humano).

- ***Alimentação por biberão***

Existem biberões especialmente concebidos para crias, à venda em clínicas veterinárias e lojas de animais. As fórmulas de leite de substituição incluem geralmente um biberão específico com um orifício adequado na tetina. Se, ao virar o biberão ao contrário, o leite pingar da tetina, o orifício é demasiado grande e a cria pode asfixiar por inalação do leite. Se, quando se vira o biberão ao contrário, o leite só sai depois de se apertar o biberão com firmeza, o orifício é demasiado pequeno e a sua utilização pode desmotivar a cria e, consequentemente, fazer com que se recuse a comer.

O tamanho correto do orifício permite que o leite pingue com um aperto suave do biberão (a cria deve sugar o leite, apenas deve apertar o biberão para verificar o tamanho da tetina, nunca quando a cria estiver a mamar). O posicionamento do biberão é importante. O centro da tetina deve ser elevado e inserido na direção do palato da cria. Desta forma, permite que a cria enrole a língua à volta da tetina, imitando a sucção de um mamilo e não ingerindo ar indesejado. Com a outra mão, segure na cria de barriga para baixo e mantenha a tetina elevada num ângulo de aproximadamente 45 graus. Esta posição é confortável e segura para a cria beber leite.
A cria deixará de mamar naturalmente quando estiver satisfeita e tentará afastar-se da tetina. Não force a cria a beber mais leite: corre o risco de inalação pulmonar, o que pode causar a sua morte. Lembre-se de que as instruções de ingestão são apenas um guia e podem variar de cria para cria. As crias alimentadas com biberão alimentam-se mais rapidamente do que se estivessem a mamar da gata-mãe e é mais provável que absorvam um pouco de ar, mesmo que esteja a ser cauteloso. Bata suavemente nas costas da cria depois de o alimentar para garantir que ele não tem ar preso.

A higiene é de extrema importância para todo o equipamento de alimentação (que deve ser sempre esterilizado), bem como a higiene pessoal do cuidador enquanto prepara o leite e estimula as crias a urinar e defecar. As crias órfãs são muito propensas a desenvolver infecções.

- ***Peso – cria recém nascida***

É aconselhável monitorizar a taxa de crescimento das crias recém-nascidas, pesando-as regularmente (tendo em conta que a taxa de crescimento pode variar ligeiramente entre elas). É aconselhável pesar as crias à mesma hora todos os dias e manter registos diários. As crias devem duplicar o seu peso de nascimento após 7 a 10 dias e, depois disso, continuar a ganhar peso de forma constante 0-1 weeks 85 to 115 g.

- 0 semanas: 85 a 115 g;
- 1-2 semanas: 230 a 290 g;
- 2-3 semanas: 290 a 340 g;
- 3-4 semanas: 340 a 400 g;
- + de 4 semanas: 400 g ou mais.

- ***Hipoglicemia***

A hipoglicemia é o resultado de uma alimentação inadequada ou pouco frequente. Pode provocar letargia profunda, espasmos musculares e, ocasionalmente, convulsões. Se uma cria se recusar a comer, não espere: é necessário atuar imediatamente e deixá-la ao cuidado de um médico veterinário. As crias não têm quaisquer recursos e a sua condição física deteriora-se rapidamente.

- ***Problemas intestinais***

A obstipação é um problema muito comum nas crias que são alimentadas à mão devido à dificuldade em estimular a defecação com frequência suficiente. As fezes normais têm a consistência da pasta dos dentes. Se as fezes se tornarem demasiado duras, fazendo com que a cria se esforce excessivamente ou não defeca durante um ou dois dias, deve levá-lo a um veterinário. A diarreia também é um problema muito grave para uma cria. Pode ser causada por uma alimentação excessiva, por um leite de substituição demasiado concentrado ou por uma infecção (frequentemente causada por falta de higiene). Procure imediatamente assistência veterinária, pois a desidratação pode levar muito rapidamente à morte.

- ***Em caso de colapso***

Se as crias entrarem em colapso ou ficarem desidratadas, precisam de cuidados veterinários imediatos, pois arrefecem muito rapidamente. Normalmente, o médico veterinário injecta-lhes fluidos subcutâneos. Assim que as crias estejam aquecidas e receberem fluidoterapia, devem ser deixadas a descansar. A alimentação só deve ser retomada quando estiverem quentes e puderem mamar.

- ***Desmame***

O desmame deve começar às três ou quatro semanas de idade. Inicialmente, dê à cria um leite de substituição para gatos num prato raso. Depois forneça-lhes uma dieta de crescimento seca ou enlatada, misturada com um pouco de leite de substituição. Este processo deve ser mantido até que as crias comam apenas alimentos sólidos
e adequados à sua idade - aumentando a quantidade de comida e reduzindo a quantidade de leite ao longo de algumas semanas. Normalmente, as crias estão totalmente desmamadas às 8 semanas de idade.

- ***Desparasitação***

Todos as crias devem ser desparasitadas interna e externamente às 3 semanas de idade e devem ser pesados para que lhes seja administrada a dose correta de desparasitante. Algumas crias não mostrarão sinais clínicos de ter parasitas intestinais, enquanto outros podem mostrar sinais de desconforto físico, fezes moles ou com sangue, perda de apetite, barriga inchada e perda de peso. Certifique-se de que qualquer tratamento contra parasitas internos ou externos que utilize é adequado à idade da cria.

- ***Vacinação***

As crias receberão alguma proteção contra doenças sob a forma de anticorpos maternos através do colostro da mãe. O efeito protetor dos anticorpos maternos dura apenas algumas semanas. O programa de vacinação das crias deve, por conseguinte, ser iniciado às 8 semanas de idade.

A Jaula de Tratamento

Em circunstâncias normais, os gatos errantes são mantidos em confinamento apenas durante um período de recuperação de 24 a 48 horas após a cirurgia de esterilização, não saindo das transportadoras até serem libertados. Por vezes, um gato precisa de ser confinado por um período mais longo, devido a um ferimento grave, a uma doença que requer antibioterapia ou uma gata a amamentar e com crias.
Com exceção das gatas-mãe e das suas ninhadas, o período de confinamento de um gato errante não deve exceder duas semanas devido ao efeito negativo que o stress associado ao cativeiro tem no seu sistema imunitário e no seu bem-estar geral. É por esta razão - juntamente com a dificuldade de manusear gatos errantes - que há doenças e/ou ferimentos que apenas requerem um tratamento relativamente simples em gatos domesticos, mas que podem justificar a eutanásia num gato assilvestrado.

Outro aspeto a ter em conta, por exemplo em casos de cirurgias ortopédicas com amputações de membros, é que estas afetam não só a capacidade do gato para escapar a eventuais perigos inerentes à vida na rua, mas também a sua posição na hierarquia da colónia. Nunca deixe um gato errante, em tratamento, à solta numa divisão da casa, mesmo que seja na casa de banho.

Um gato solto procurará um local para se esconder ou começará literalmente a trepar paredes para tentar escapar, tornando muito difícil colocá-lo de novo numa transportadora. Mantê-lo numa jaula de tratamento é o método mais seguro.

Materiais necessários:
- Jaula com pelo menos 118 cm de comprimento x 78 cm de largura x 84 cm de altura
- Transportadora com porta oscilante e fecho;
- Caixa de areia pequena;
- Areia para gatos;
- Cabo de vassoura ou algo semelhante;
- Lençol;
- Jornais;
- Pratos para comida e água;
- Corda;
- Toalha pequena.

Depois de montada, a jaula deve ficar com o aspeto da imagem abaixo. A base forrada com jornal.
A transportadora, com a toalha dentro, fica atrás num canto. A porta deve abrir para o lado da jaula ao qual a transportadora está encostada, não para o meio. Ao lado da transportadora fica a caixa de areia. Idealmente, a caixa deverá ficar bem encostada à transportadora, para ajudar esta última a manter-se no seu lugar. Os recipientes de comida e água são colocados à frente, perto da porta da jaula. Um lençol cobre a totalidade da jaula.

- ***Colocar o gato dentro da jaula***

Não tente passar o gato diretamente da transportadora para a jaula pois no momento da passagem tanto a porta da transportadora como da jaula estão abertas e o gato conseguirá fugir facilmente. Para libertar o gato dentro da jaula, siga os seguintes passos:

1. Coloque a transportadora com o gato num canto traseiro da jaula, sendo que o lado de colocação vai depender do lado de abertura da porta da transportadora.

2. Faça deslizar o pau por ambos os lados da jaula, de forma a impedir que a porta da transportadora abra.
3. Destranque a porta da transportadora.
4. Coloque comida e água na parte da frente da jaula.
5. Feche e tranque a porta da jaula.
6. Retire o pau e use-o para alcançar o interior da jaula através das grades (é mais fácil se o fizer a partir de cima) e abra a porta da transportadora até esta ficar encostada à parte lateral da jaula.
7. Utilize a corda para prender a porta da caixa da transportadora à jaula, impedindo-a de se fechar.
8. Cubra completamente a jaula com um lençol para manter o gato calmo.

- ***Alimentação e limpeza***

Para conseguir abrir a porta da jaula em segurança e fazer a limpeza, o gato deverá estar dentro da transportadora. Normalmente isto não é um problema, uma vez que o gato errante vai passar a maior parte do seu tempo lá dentro, por se tratar do único espaço confinado e escuro disponível na jaula. Se o gato estiver fora da transportadora quando precisar de abrir a jaula, ele tenderá a entrar na transportadora assim que se aproxime. Se o gato se começar a ambientar e não entrar logo na transportadora, retire parte do lençol que cobre a jaula. Se o gato permanecer imóvel toque levemente num dos lados da jaula. Se nada disto funcionar, espere e volte a tentar mais tarde. Não abra a porta da jaula se o gato estiver fora da transportadora.

Quando o gato estiver na transportadora, siga estes passos:

1. Retire a corda que prende a porta da transportadora à parte lateral da jaula;
2. Feche a porta da transportadora com o pau;
3. Fixe a porta da transportadora fazendo deslizar o pau em ambos os lados da jaula, mesmo em frente da porta da transportadora;
4. Abra a porta da jaula;
5. Para maior segurança, feche a porta da transportadora;
6. Limpe tudo e deixe comida e água fresca na parte da frente da jaula; 7. Destranque a porta da transportadora;
8. Feche e tranque a porta da jaula;
9. Retire o pau;
10. Manobre o pau para abrir a porta da transportadora;
11. Volte a fixar a porta da transportadora na lateral da jaula com a corda;
12. Cubra-a completamente com o lençol.

Se preferir, para facilitar a limpeza, pode retirar a transportadora (com o gato dentro) da jaula, não se esquecendo de trancar previamente a porta da transportadora.

Famílias de Acolhimento

Ser uma família de acolhimento é uma decisão muito importante que só deve ser tomada depois de se ter compreendido bem a responsabilidade e o trabalho que implica. Toda a família deve ser envolvida no processo de decisão. As famílias de acolhimento têm um papel fundamental nos programas CED, pois permitem retirar rapidamente da colónia as crias e os gatos dóceis, de modo a começar a prepará-los para uma vida num ambiente doméstico e a cuidar das suas necessidades físicas e emocionais enquanto aguardam uma família segura e permanente.

Para ser uma família de acolhimento a colaborar com uma organização, é importante definir desde o início:

• Quem será responsável pelas despesas do animal (alimentação, despesas veterinárias, cuidados de higiene, etc.);
• Quem tomará as decisões fundamentais em relação ao bem-estar e à saúde do animal;
• Responsabilidades no processo de procura de adoptantes;
• Expectativas relativamente à duração da estadia do animal na casa de acolhimento temporário.

Famílias de Acolhimento

Encontrar boas famílias: os procedimentos de uma adoção

Nem sempre é simples encontrar uma família definitiva para um gato que seja responsável por ele a longo prazo. Há quem adopte um animal por impulso temporário, quem ofereça um animal a alguém que não o quer, quem queira o gato para caçar ratos ou quem não tenha condições financeiras para cuidar devidamente de um animal.

A fim de proteger o gato e garantir que este fica num bom lar, há determinados procedimentos que devem ser sempre seguidos. Em primeiro lugar, faça muitas perguntas e não tenha medo de colocar questões pessoais. A pessoa certa irá compreender os seus motivos e responderá às questões com agrado. Veja na página seguinte o exemplo do questionário usado pela Animais de Rua. O pagamento de uma taxa de adoção é importante. A adoção de um animal implica inevitavelmente despesas.

Quem quiser adotar um animal deve ter capacidade financeira para pagar esta taxa sem problemas. Também é importante explicar que a taxa será destinada às despesas do animal, como esterilização, vacinação, identificação, desparasitação, etc. Caso contrário, dificilmente pagarão a conta da clínica veterinária se o gato adoecer, ou algo mais simples como assegurar a vacinação anual.

Um bom adotante compreenderá que faz estas perguntas e exigências porque se preocupa com o animal. Se tiver várias crias, pergunte ao adotante se ele está disposto a adoptar duas, explicando que é a situação mais vantajosa para eles e que adotar dois animais acaba por dar menos trabalho do que um: entretêm-se a brincar um com o outro, exigem menos atenção, podem ficar mais tempo sozinhas, etc.

Para conseguir o adotante ideal (que acabará por aparecer se tiver paciência), coloque anúncios nas redes sociais, websites especializados, clínicas veterinárias, lojas de animais, estabelecimentos comerciais, etc. **O anúncio deve conter boas fotos do animal - fotografias de qualidade são essenciais:**

• Estarem focadas e nítidas;
• Terem luz suficiente;
• Mostrarem claramente as características do animal, realçando as suas melhores feições
• Terem um fundo aceitável;
• Evitar fotografias escuras, desfocadas, ou cuja composição não mostrem claramente o animal, ou fotografias com um fundo confuso que tire o foco do animal.

Escreva também um pequeno texto que aborde os seguintes aspetos:

• O nome do animal;

• Uma ou duas frases com a história e a personalidade do animal;

• Informações específicas sobre o animal (se está esterilizado, desparasitado, vacinado, etc.).

• Referir a existência de um processo de triagem e a necessidade de assinar um termo de responsabilidade;

• Informação sobre o pagamento de uma taxa de adoção.

Anexo Y

Questionário de Adoção

Considerando que:

Os animais que a Associação Animais de Rua disponibiliza para adoção têm, quase todos, histórias de vida marcantes. Mesmo os mais jovens poderão já ter passado por momentos difíceis. Temos, por isso, a obrigação de lhes proporcionar os melhores adotantes, garantindo que não voltarão à rua e que nunca sentirão – ou não voltarão a sentir – o peso do abandono, da negligência e dos maus-tratos.

O processo de adoção da Animais de Rua envolve, numa primeira fase, o preenchimento deste questionário, que nos ajudará a aferir se a sua família está pronta a receber o animal em causa. Deverá, por isso, preenchê-lo de forma clara e tão completa quanto possível. Mediante aprovação do questionário pela equipa responsável pelas adoções, será agendada uma visita domiciliária.

A visita domiciliária é uma etapa fundamental do processo de adoção e visa aferir se o animal que escolheu será o mais adequado às condicionantes da sua casa e família, bem como ajudar a identificar potenciais fatores de risco que possam ser eliminados.

Cada animal tem características únicas, que se adequarão melhor ou pior ao estilo de vida de cada um. Não deverá basear a sua escolha apenas no aspeto físico do animal, ou na idade. Deverá sim pensar se o animal escolhido é o mais adequado tendo em conta a sua situação atual e as perspetivas para o futuro.

Dados Pessoais

- Nome:
- Data de nascimento:
- Nacionalidade:
- Morada:
- Localidade e Código Postal:
- Telefone:
- E-mail:
- Profissão/Ocupação:

Animal a Adotar

- Qual o animal que pretende adotar?
- É destinado a si ou a outra pessoa?

NOTA: Deverá ser a pessoa que irá receber o animal a preencher este questionário, não entregamos animais destinados a oferta a terceiros.

• Qual é a sua principal motivação para adotar este animal? Que características procura num animal de companhia?

Habitação e Agregado Familiar

• Em que tipo de habitação vive?
• Vive perto de uma estrada muito movimentada, a que os animais possam aceder num momento de distração?
• Os animais gostam de sol - a sua casa tem luz natural? Tem espaço exterior ou uma pequena varanda? Há proteções nas janelas e nas varandas, no terraço ou no jardim?

• Se vive num apartamento, o condomínio permite a presença de animais no prédio?
• Se reside numa casa arrendada, o contrato de arrendamento permite ter animais em casa?
• Como é composto o seu agregado familiar?
• Caso se aplique, todas as pessoas do seu agregado familiar concordam com a adoção? Algum elemento do agregado familiar é alérgico ao pelo de animais?
• Se tem crianças em casa, que idades têm? Já viveram com animais? Têm regularmente contacto com animais?

Cuidados com Animais de Companhia

• Tem outros animais em casa?
• Se sim, de que espécie? Machos ou fêmeas? São sociáveis? Que idades têm?
• Qual é o seu estado de saúde (FIV ou FeLV positivo, por exemplo)? Estão esterilizados? Em caso negativo, porquê?
• Já teve animais de estimação no passado? Se sim, o que lhes aconteceu?
• Que tipo de alimentação lhes dá/dava? São/eram assistidos por um médico veterinário? A que clínica os leva/levava habitualmente?
• Já idealizou onde irá viver o seu novo animal? Se dentro ou fora de casa? Caso seja fora de casa, como o irá fazer?
• É possível que um cão ou um gato estraguem algumas peças de mobiliário. Se isto acontecer como é que irá reagir? O que acha que se deve fazer?
• O animal terá possibilidade de ir à rua? Em que circunstâncias? Com ou sem supervisão? Alguém no agregado familiar poderá garantir, todos os dias, tempo para passear o cão (pelo menos três vezes por dia) ou brincar com o gato?
• Quando for de férias pensa levar o animal consigo ou tem com quem o deixar? Por favor concretize.

• Um animal de estimação é um compromisso para a vida, já que pode viver entre 10 e 15 anos. Está preparado para assumir a responsabilidade de cuidar do seu novo amigo até ao final da sua vida?
• E se a sua situação atual se alterar (por exemplo, mudança de trabalho e/ou de casa)? Se, por um motivo de força maior, deixar de poder ter consigo o seu animal de companhia, como pensa resolver a questão?
• Tem noção dos valores praticados em alimentação de qualidade e cuidados médico-veterinários necessários ao animal? Tem viabilidade financeira para tal?
• Aceita e concorda com a realização de uma visita domiciliária prévia à adoção, bem como visitas posteriores de acompanhamento, em datas a agendar consigo?
• A adoção concretiza-se mediante o pagamento de uma taxa de adoção no valor de 25€ referente a despesas veterinárias bem como a assinatura de um Termo de Responsabilidade, no momento da entrega do animal, **que aqui transcrevemos:**

1. Para formalizar a adoção, será necessário assinar um Contrato de Adoção (ver exemplo no Anexo X)
2. Concorda com estas condições?
3. Tem alguma informação que gostaria de acrescentar?
4. Depois de preenchido, envie o questionário por email para [inserir email da organização]. Se o questionário for aprovado, entraremos em contacto consigo para agendar uma visita domiciliária.

Obrigado,

Animais de Rua

NOTA: os seus dados não serão divulgados em circunstância alguma a terceiros, exceto às autoridades se verificarmos que o animal está de alguma forma em perigo ou o seu bem-estar está comprometido.

Anexo X

Termo de Responsabilidade / Contrato de Adoção

Eu_____
residente na _____
código postal _____, localidade_____
contacto telefónico _____, endereço de e-mail_____
cartão de cidadão n.º _____ com validade até _____,
torno-me a partir desta data, detentor e responsável pelo animal: _____

Identificação do Animal

ID e Nome atribuído no programa de adoção _____
ID e Colónia _____
Nome atribuído pelo adotante _____
Sexo _____
Idade _____
Características: pêlo, cauda, cor, outros _____
_____

Intervenções

Esterilização _____, Microchip _____
Boletim de Vacinas_____ Vacinação _____
Desparasitação interna e externa _____
Teste FIV e FeLV_____
Outros tratamentos:
_____

"Declaro, sob compromisso de honra, que me comprometo a cuidar do referido animal e a zelar pela sua segurança, conforto e bem-estar até ao fim da sua vida. Obrigo-me a cumprir cada um dos itens da presente declaração, incluindo os referidos no anexo n.º1, e sobre os quais me pude informar e aconselhar livremente, tendo-me os mesmo sido devidamente explicados.

Se, em qualquer altura, me sentir incapaz de cumprir estes requisitos, obrigo-me a não vender o animal, não o abandonar em espaços públicos ou privados, e não o ceder a terceiros sem autorização da Associação Animais de Rua.

Se o animal morrer ou fugir, obrigo-me a comunicar de imediato esse facto à Associação Animais de Rua.

É meu dever comunicar à Associação Animais de Rua, no prazo de dez dias úteis, a alteração de quaisquer dos meus dados pessoais inseridos no presente termo de responsabilidade.

Mais declaro a veracidade de todos os meus elementos pessoais acima descritos.

Declaro para os efeitos previstos no disposto no art.º 13.º do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU)2016/679 do P. E. e do Conselho de 27 de abril (RGPD) prestar, por este meio, o meu consentimento para o tratamento dos meus dados pessoais ce- didos neste documento.

Li e aceito a Política de Privacidade e de Proteção de Dados pessoais que constam no site https://animaisderua.org/privacy-policy.

Tenho conhecimento que tenho o direito de retirar o meu consentimento a qualquer momento, não comprometendo nesse caso, a licitude do tratamento efetuado com base no consentimento previamente dado.

Localidade e data:
_____, _____/____/_____

Adotante:
_____

Identificação do voluntário da Associação Animais de Rua responsável pela adoção:
Nome: _____
E-mail: _____
Telemóvel: _____

NOTA: A apresentação do documento de identificação e do comprovativo de residência é obrigatória.

Anexo 1

Deveres do Adotante

1. Alimentar o animal com ração júnior de boa qualidade até ao ano de idade, pelo menos. Pode também ser fornecida comida em lata, desde que também de boa qualidade. Desaconselhamos rações de marcas brancas à base de subprodutos animais (ossos, unhas, pêlo, etc.), uma vez que não oferecem os nutrientes de que os animais necessitam para se manterem saudáveis. Em caso de dúvida, aconse- lhe-se com o veterinário assistente.
2. Ter sempre água fresca e limpa à disposição do animal.
3. Não dar leite de vaca, que pode provocar distúrbios gastrointestinais que podem ser graves.
4. Levar o animal a uma clínica veterinária no dia ou dias seguintes à adoção, para estabelecer um plano de vacinação e desparasitação. Nunca aplique produtos des-parasitantes de cão num gato, pois podem ser letais.
5. Um animal adulto quase sempre se sente inseguro e deslocado num novo território nos primeiros tempos, e há uma grande probabilidade de tentar fugir, enquanto não se sente seguro e integrado no novo ambiente. Para minimizar os riscos de uma possível fuga/desaparecimento definitivo, o adotante compromete-se a:
    - Ter especial atenção com portas e janelas: basta uma pequena distração para um animal se esgueirar por uma porta ou janela entreaberta e nunca mais aparecer.
    - Não permitir o acesso do animal a varandas não vedadas. São frequentes os casos de animais que caem de janelas ou varandas em perseguição de um pássaro, inseto ou gato, ou mesmo assustados com algum barulho.
    - Se o animal fugir, comece de imediato as buscas. As primeiras 24h são cruciais e normalmente ele andará muito perto de casa, começando a afastar-se à medida que o tempo vai passando. Faça várias rondas durante o dia e noite, chamando o animal pelo nome e levando na mão o seu petisco favorito. Se ele não aparecer até ao final do dia, deixe o petisco à porta de casa ou prédio. Publicite o seu desaparecimento no site www.encontra-me.org e cole car- tazes com fotografias em paragens de autocarro, postes, lojas, etc. Avise as clínicas veterinárias, o centro de recolha oficial e a Animais de Rua.
6. Identificar o animal assim que ele passe para a sua posse. O animal deverá ser identificado através de microchip e de uma medalha na coleira, (no caso dos cães), onde seja bem visível o seu contacto telefónico.
7. Não coloque guizos na coleira do seu animal. Para a audição sensível e apurada do cão e do gato, o som do guizo é altamente incómodo. Suspeita-se que, a longo prazo, os guizos podem provocar problemas neurológicos.

8. Esterilizar o animal antes dos 6 meses de idade. Não é necessário esperar pelo 1º cio e muito menos pela 1ª ninhada para proceder à esterilização.

9. NUNCA bater ou gritar/intimidar o animal, por ele fazer as necessidades fora do local certo, ou por qualquer outra razão. A melhor forma de o ensinar a fazer as necessidades no local certo é levá-lo lá (tabuleiro de areia no caso dos gatos, jardim no caso dos cães) quando acorda e acaba de comer, que são os momentos em que é mais provável que ele faça as suas necessidades. Poderá felicitá-lo e dar um biscoito quando acerta e ignorar quando erra, simplesmente limpando. Os castigos físicos e os gritos apenas deixam o animal amedrontado e confuso. Ele vai acertar pela vontade de agradar aos adotantes, e não pelo medo de ser castigado.

10. Passear o animal (no caso dos cães), mesmo que tenha acesso ao jardim. Enquanto cachorro deve passear pelo menos 5 ou 6 vezes por dia, e pelo menos 3 vezes na idade adulta, sendo que pelo menos um dos passeios deverá ter a duração mínima de 45 minutos. É prejudicial à saúde do animal obrigá-lo a aguentar mais tempo para fazer as suas necessidades

11. Assegure-se que o animal não terá acesso a alimentos perigosos como chocolate, açúcar, café e chá, uvas, tomate, cebola e alho, xilitol e bebidas alcoólicas.

12. Os animais têm o hábito de mordiscar e, por vezes, ingerir plantas. Não tenha em casa plantas que são venenosas para eles, como os lírios, azáleas, tulipas, comigo- -ninguém-pode, costela de adão, poinsettia (flor do Natal), etc.

13. Não medique o seu animal sem consultar o veterinário. Ao primeiro sinal de doença ou ferimento, leve o animal ao veterinário.

14. Cuidado com lãs, linhas, agulhas e outros objetos pequenos: nas suas brincadeiras, o animal poderá ingeri-los, causando lesões internas graves que só poderão ser resolvidas com cirurgia. Se o animal tiver ingerido fio e estiver com parte dele fora da boca, não tente puxá-lo, pois poderá agravar as lesões. Leve-o de imediato ao veterinário.

15. Verifique sempre onde se encontra o seu gato antes de ligar a máquina da louça ou da roupa. Os gatos têm curiosidade e atração por estes locais, podendo adormecer lá dentro. São muito frequentes os incidentes de máquinas ligadas com gatos lá dentro, com consequências letais.

16. Proporcione momentos de atenção e brincadeira diários ao animal.

Referências

Alley Cat Allies. Resources Page. Available at https://www.alleycat.org/resources-page/ (Acedido: 6 de junho de 2023).

Berkeley, E.P., 2004. TNR: Past, Present and Future: A History of the Trap-Neuter-Return Movement. Alley Cat Allies

Boone, John…[et al], 2019. A Long-Term Lens: Cumulative Impacts of Free-Roaming Cat Management Strategy and Intensity on Preventable Cat Mortalities.Available at https://doi.org/10.3389/fvets.2019.00238 (Acedido: 6 de junho de 2023)

Earlier Neutering Principles. Cats Protection. NEU_2455. Available at https://www.cats.org.uk/media/3842/neu_2455_quad_protocol_chart_2017_print.pdf (Acedido: 6 de junho de 2023)

EARLY NEUTERING of KITTENS Knowledge and practices. Impact on cats' population control/ management and welfare. Federation of Veterinarians of europe. FVE/19/doc/003.Available at https://fve.org/cms/wp-content/uploads/FVE-position-early--neutering-cats.pdf (Acedido: 6 de junho de 2023)

Haughie, Anne, 1998. Cat Rescue Manual. Feline Advisory Bureau.

Kortis, B., 2013. Neighborhood Cats TNR Handbook: The Guide to Trap-Neuter-Return for the Feral Cat Caretaker. (2nd ed.) Neighborhood Cats, Inc.

Tabor, Roger, 1983.The wildlife of the domestic cat. Londres: Arrow Books.

Agradecimentos

Este manual é o resultado de um grande esforço conjunto entre uma comunidade que trabalha diariamente para o mesmo objetivo e não seria possível sem eles.

Gostaríamos de expressar a nossa gratidão e reconhecimento a Vicky Halls e Claire Bessant (International Cat Care), Ian MacFarlaine e Harry Eckam (Change For Animals Foundation) pelo seu vasto contributo através dos seus conhecimentos, gentileza e disponibilidade.

Um agradecimento especial à 4 Pets Photography e à Rita Burmester, por terem fornecido várias das fotografias para este manual.

Não há palavras para expressar a nossa gratidão a todos os voluntários da Animais de Rua e da Quinta das Águias que contribuíram para este extenso trabalho com fotografias, testemunhos, conhecimentos e informações mas principalmente, e acima de tudo, por todo o imprescindível trabalho que desempenham diariamente.

Por fim, gostaríamos de agradecer aos nossos parceiros e apoiantes pelo seu contributo e apoio nesta nossa missão.